



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ
Centro de Letras, Comunicação e Artes
Mestrado Profissional em Letras em Rede



ANDRESSA BARBOZA DE ARAÚJO

PROPOSTA DIDÁTICA:
CONTOS E RECONTOS AFRICANOS PARA FORMAÇÃO DO
LEITOR LITERÁRIO E PÁTICA EDUCATIVA NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

ANDRESSA BARBOZA DE ARAÚJO

PROPOSTA DIDÁTICA:
**CONTOS E RECONTOS AFRICANOS PARA FORMAÇÃO DO
LEITOR LITERÁRIO E PÁTICA EDUCATIVA NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Produto educacional apresentado ao Mestrado Profissional em Letras em Rede (PROFLETRAS) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), como requisito à obtenção do Título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Nerynei Meira Carneiro Bellini

Coorientadora: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Oliveira Duarte

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tela do vídeo *Maravilhas da África*

Figura 2: Tela do vídeo *Viva África – Os contrastes africanos*

Figura 3: Capa do livro *Três contos africanos de adivinhação*

Figura 4: Folha de rosto do livro *Três contos africanos de adivinhação*

Figura 5: Detalhe ficha catalográfica do livro *Três contos africanos de adivinhação*

Figura 6: Contracapa do livro *Três contos africanos de adivinhação*

Figura 7: Homenagem da editora Melhoramentos em comemoração aos 25 anos de Literatura Infanto Juvenil de Rogério Andrade Barbosa

Figura 8: Visitando escola em Tarrafal, Cabo Verde – 2012

Figura 9: Nota do autor

Figura 10: Imagem livro (p.10)

Figura 11: Imagem livro (p. 11)

Figura 12: Cartaz e fantoches no palito

Figura 13: Capa do livro *A orelha vai à escola todos os dias*

Figura 14: Mapa-múndi – divisão dos continentes

Figura 15: Mapa países da África

Figura 16: Mapa nascimento, percurso e desembocadura do Rio Níger

Figura 17: Percurso Rio Níger

Figura 18: Homem em barco às margens do rio Níger

Figura 19: Homem às margens do rio Níge

Figura 20: Imagem livro “Três contos africanos de adivinhação (p. 12)

Figura 21: Imagem livro (p.18)

Figura 22: Imagem livro (p. 19)

Figura 23: Tela do vídeo *Griot – Oralidade africana*

Figura 24: *Kiriku e a feiticeira*

Figura 25: Tela do vídeo *Rogério Andrade Barbosa*

Figura 26: Capa do livro *Contos africanos para crianças*

Figura 27: Contracapa do livro *Contos africanos para crianças brasileiras*

Figura 28: Capa do livro *Outros contos africanos para crianças brasileiras*

Figura 29: Contracapa do livro *Outros contos africanos para crianças brasileiras*

Figura 30: Maurício Veneza

Figura 31: Manteiga *ghee*

Figura 32: Feijoada

Figura 33: Tartaruga

Figura 34: Jabuti

Figura 35: Cágado

Figura 36: Mapa países lusófonos

Figura 37: Chacal dourado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA	10
SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1: TRÊS CONTOS AFRICANOS DE ADIVINHAÇÃO.....	13
SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2: CONTOS AFRICANOS PARA CRIANÇAS BRASILEIRAS /OUTROS CONTOS AFRICANOS PARA CRIANÇAS BRASILEIRAS	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS.....	78
ANEXO A: CONTOS TRABALHADOS NAS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS.....	80
ANEXO B – MAPA POLÍTICO DA ÁFRICA PARA COLORIR.....	93
ANEXO C – SINOPSE E FICHA TÉCNICA DO FILME <i>KIRIKU E A FEITICEIRA</i>..	94

INTRODUÇÃO

Uma das mais antigas representações literárias da humanidade, o gênero conto remonta suas origens nos primórdios das transmissões orais. Acompanhando a evolução dos tempos, o gênero espelha a atual sociedade, dinâmica e sedenta por narrativas breves e repletas de sentido.

São diversas as definições existentes para caracterizar esse gênero, porém, todas chegam à conclusão de que contos são narrativas do gênero literário da prosa de ficção. No geral são narrativas curtas, nas quais o escritor cria seus personagens e monta determinada situação de maneira bem concisa. O teórico argentino Julio Cortázar, um dos principais estudiosos do gênero, no ensaio *Alguns aspectos do conto* (1993), expõe uma tentativa de “definição”, do que é para ele o conto:

É preciso chegarmos a ter uma ideia viva do que é o conto, e isso é sempre difícil na medida em que as ideias tendem para o abstrato, para a desvitalização de seu conteúdo, enquanto que, por sua vez, a vida rejeita esse laço que a conceitualização lhe quer atirar para fixá-la e encerrá-la numa categoria. Mas se não tivermos a ideia viva do que é um conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência”. (CORTÁZAR, 2006, p.150)

Os contos populares africanos, assim como tantas outras histórias contadas e recontadas ao longo do tempo, têm como uma das principais características o posicionamento (explícito ou subentendido) do narrador perante o fato a ser contado. Assim, tomando como ponto de partida não só a riqueza dos textos de origem africana, como a *Lei nº 10693/03*, observa-se que embora os documentos oficiais exijam dos docentes iniciativas voltadas para a diversidade étnico-racial em sala de aula, a questão ainda ocupa lugar secundário nos currículos dos cursos de licenciatura e pedagogia. Conforme Gomes (2008), isso é consequência do predomínio da noção universitária que considera o conhecimento científico/acadêmico como a única forma legítima de saber.

Assim como muitos outros gêneros literários, o conto é considerado pela *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) em consonância com os *Parâmetros Curriculares*

Nacionais (PCN) uma das referências básicas a partir da qual o trabalho com o texto e a leitura – unidades básicas de ensino – precisará se organizar. Segundo os *PCNs* (BRASIL, 1998, p. 53-54), o conto faz parte de um grupo de gêneros literários cujo domínio é fundamental à efetiva participação do aluno na sociedade.

Para Raúl Castagnino (1977 *apud* GOTLIB, 1990, p. 12), “o conto não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos. Um relato, copia-se; um conto, inventa-se”.

De acordo com Gotlib (1990),

A história do conto pode se esboçar a partir deste critério de invenção, que foi se desenvolvendo. Antes, a criação do conto e a sua transmissão oral, depois, seu registro escrito. E posteriormente, a criação por escrito de contos, quando o narrador assumiu esta função: de contador-criador-escritor de contos, afirmando, então, o seu caráter literário. (GOTLIB, 1990, p. 13).

Todo conto apresenta múltiplas características, porém com predominância de uma que lhe dá sua localização em determinada categoria. Nesse sentido, os contos que compõem o *corpus* desta pesquisa são caracterizados como *contos africanos de adivinhação* e *contos africanos maravilhosos*, ambos pertencentes à esfera do folclore, do popular, e destacam-se pela transmissão, originalmente oral, e pelo seu propósito comunicativo, que é o resgate de valores culturais de determinados povos.

A oralidade na qual se originaram os contos aqui estudados é um elemento essencial para a manutenção das diversas culturas, dos valores, conhecimentos, ciência, história, modos de vida, formas de compreender a realidade, religiosidade, arte e ludicidade. A palavra falada, para os africanos, constitui uma energia vital, capaz de criar e transformar o mundo e de preservar os ensinamentos. As narrativas se articulam de maneira notória à musicalidade ao ritmo, à entonação, à expressão corporal e à interpretação. Essas histórias são preservadas e contadas por narradores ou *griots* treinados desde a infância no ofício da palavra oral. Os *griots*, que ainda hoje vivem em alguns países africanos, desempenham múltiplas funções nas comunidades: são contadores de histórias, genealogistas (estudam a origem de um indivíduo ou família), mediadores políticos, contadores, cantores e poetas populares. É por meio da tradição oral que o *griot* transmite às novas gerações o que sabe, especialmente às crianças. Há homens e mulheres que exercem essas funções, eles são denominados de *griots* e *griottes*, respectivamente.

Deste modo, a sabedoria do mais velho e a tentativa de explicações para fenômenos e marcas da natureza são temas constantes nos contos africanos, sobretudo naqueles que se dirigem ao público infantil. Falam de valores importantes, com personagens que representam estereótipos e características fáceis de serem reconhecidas entre as pessoas. Conforme Silva e Sá Vintecinco (2014, p. 6), a leitura de narrativas da Literatura Africana e Afro-brasileira no contexto escolar permite

[...] o contato com os valores culturais, mostrando como sujeito histórico personagens negros e seus contos desconhecidos e marginalizados pela escola, que permite valorizar a África e romper barreiras quanto a sua origem e ser utilizada como proposta didática que possibilita educar independente de etnias, buscando a valorização e respeito à diversidade tão presente na escola.

Portanto, promover a leitura de textos que envolvem a temática afro-brasileira e africana no contexto escolar é reconhecer a sabedoria contida nessas palavras, que não se restringem a falar apenas do passado, mas que propõem refletir sobre o ciclo da vida, sobre as relações de educação e convivência entre pessoas e que promovem a preservação de um legado que é nosso e faz parte da história do povo brasileiro. Povo esse que bebe da arte e cultura africana em seu vocabulário, danças, roupas, comidas e em tantos outros aspectos.

Assim, considerando os aspectos acima mencionados, a proposta de intervenção pedagógica aqui apresentada direciona-se ao 4º ano do Ensino Fundamental e tem como objetivo geral despertar nos educandos o interesse pela leitura por meio de contos africanos, assim como tratar a africanidade e questões étnico-raciais, utilizando-se de círculos de leitura e do resgate das práticas orais de contação de histórias, a fim de desenvolver o prazer pela literatura e colaborar com a formação do aluno leitor.

Os textos escolhidos para esta proposta de intervenção escolar são de origem africana, colhidos e recontados pelo escritor, professor e contador de histórias Rogério Andrade Barbosa. Essas narrativas privilegiam a cultura e a diversidade do continente, por abordarem produções que instigam o imaginário, o maravilhoso, o raciocínio, o respeito aos mais velhos e aos saberes locais.

Tendo como norteador a Sequência Básica de Letramento Literário proposta por Cosson (2014), tal como as propostas de leitura subjetiva nas perspectivas de Jouve (2013), Langer (2005) e Rouxel (2013), esta proposta interventiva busca

contribuir, mediante a leitura, análise e recontação de contos africanos, para a conscientização e o aprimoramento das relações étnico-raciais no entorno escolar. Além disso, pretende abranger os quatro eixos que fundamentam o ensino de Língua Portuguesa: oralidade, leitura, escrita e análise linguística.

APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA

TURMA: 4º ano do Ensino Fundamental

DURAÇÃO: 37 aulas

GÊNERO PRIVILEGIADO: Contos

OBRAS: *Três contos africanos de adivinhação* (2011); *Contos africanos para crianças brasileiras* (2008); *Outros contos africanos para crianças brasileiras* (2006)

AUTOR: Rogério Andrade Barbosa

Diante das inúmeras possibilidades de se trabalhar a leitura de textos literários em sala de aula, traçar estratégias que promovam não apenas a simples decodificação das palavras, mas que possibilitem a sistematização do conteúdo e a promoção do letramento literário na escola torna-se tarefa difícil para os professores da educação básica.

Os assuntos abordados por obras da literatura infantil são diversos, todavia há de se considerar que o trabalho com a literatura no contexto escolar deve possibilitar ao educando a oportunidade de aprender e refletir sobre temas que fazem parte da sua vida fora da escola, mas que de certa forma acabam passando despercebidos ou ignorados em sua vivência diária.

A escolha pelo trabalho com contos africanos no 4º ano do Ensino Fundamental favorecerá aos alunos conhecer não apenas a estrutura e funcionalidade do gênero, que pode ser abordado e contado de diferentes maneiras – aqui privilegiaremos os contos de adivinhação e os contos maravilhosos – mas também aprender a valorizar e a respeitar a cultura africana, possibilitando seu devido reconhecimento como elemento fundamental na formação da cultura brasileira.

Dessa maneira, antes de despertar o olhar da criança para o texto literário, é necessário que o professor se reconheça como peça primordial nesse processo de formação, despertando em seus alunos uma sensibilização às atribuições de experiências próprias para construção de sentidos no texto. Para tanto, a prática da leitura subjetiva será essencial na construção desta proposta de letramento literário. As atividades com os contos africanos aqui apresentadas seguirão os moldes propostos por Cosson (2018) para Sequência Básica de leitura e considerarão as

práticas de leitura subjetiva nas perspectivas de Jouve (2013), Langer (2005), Rouxel (2013).

A objetivação nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura limita o sujeito a enxergar os sentidos do texto em um circuito fechado, impossibilitando-o de levantar suas próprias hipóteses e construções pessoais exigidas pela literatura. Nesse sentido, ao levantar reflexões sobre o modo como a literatura infantil é vivenciada nas escolas, o presente estudo visa propor a didática da leitura subjetiva como instrumento de formação de leitores literários.

Para que a leitura subjetiva aconteça, de fato, em sala de aula, é preciso que os professores de literatura reconheçam seu papel de impulsionadores de tal prática, uma vez que o respaldo oferecido pelos cursos de licenciatura e, até mesmo, pelos documentos oficiais é limitado. A cultura da didatização da literatura, tal qual o não-olhar dos currículos para o lugar do texto literário na escola, tem feito que os leitores distanciem-se cada vez mais das práticas literárias que, não raro, servem apenas de pretexto para práticas vagas de leitura e análise textual, não cumprindo, assim, a sua real função. Conforme afirma Zilberman (2008, p. 17), “a leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história.”

Sobre esses aspectos, consideramos as reflexões de Vicent Jouve (2013), que afirma que o envelhecimento das ideias sobre leitura tem acarretado um distanciamento do leitor com a projeção real do texto e que o ato da leitura só se constitui a partir do resgate interno do leitor, como conhecimentos valiosos aos professores de literatura.

Ademais, os aspectos metodológicos para o ensino de literatura abordados por Annie Rouxel (2013) e as experiências de leitura iniciadas por Judith Langer (2005) levam-nos a reconhecer que a subjetividade é uma necessidade funcional da leitura literária, afinal, é o leitor quem deve completar o texto imprimindo-lhe a sua forma singular de sentir e pensar.

A proposta didática ancora-se, portanto, nos estudos empreendidos pelos autores acima citados, a respeito das concepções de professor mediador e propagador da leitura subjetiva, assim como na proposta de Sequência Básica de leitura, apresentada por Rildo Cosson (2014) em *Letramento literário: teoria e prática*. Segundo o autor, os textos literários devem ser abordados em sala de aula de maneira sistematizada, “considerando que o letramento literário é uma prática social e, como

tal, responsabilidade da escola” (COSSON, 2014, p. 23). Assim, essa sistematização do trabalho com literatura deve observar as três etapas fundamentais, definidas aqui sucintamente: a) MOTIVAÇÃO: momento de preparação para a análise da obra. Em geral, envolve a formulação de uma questão ou posicionamento diante de um tópico abordado pelo texto. b) INTRODUÇÃO: momento de apresentação da obra e do autor. c) LEITURA: momento da leitura integral do texto e acompanhamento da leitura a fim de auxiliar os alunos nas dificuldades encontradas em seu decorrer. Todas as etapas privilegiam o uso do registro, assim como a técnica da oficina, que leva o aluno à construção do conhecimento por meio da prática e interação.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1: TRÊS CONTOS AFRICANOS DE ADIVINHAÇÃO

Entre o Oriente e ocidente
Onde fica?
Qual a origem da gente?
Onde fica?
África fica no meio do mapa do mundo do
atlas da vida
Áfricas ficam na África que fica lá e aqui
África ficará
(Palavra cantada)

PRIMEIRA ETAPA: MOTIVAÇÃO

“As muitas faces da África”

Duração: 1 aula.

Objetivo: Motivar os alunos para a leitura dos contos africanos de adivinhação, por meio de discussões e produções com o tema “África”.

Atividade 1: Fazer uma sondagem perguntando aos alunos o que eles sabem sobre a África. Após um breve momento de discussão e após instigar os alunos a recordarem as memórias sobre o que já viram em filmes, histórias e séries, ou aquilo que já tenham estudado nas aulas de história sobre o continente africano, entregar a cada aluno um pedaço de papel (não muito grande, pode ser meia folha de papel sulfite ou até mesmo um post-it). Peça para que eles representem com uma frase curta, uma palavra ou desenho o que eles sabem sobre a África. Os papéis serão colados em um painel intitulado: “A África que eu conheço”.

Professor, oriente seus alunos para que o momento de escrita ou produção dos desenhos não se estenda por muito tempo. O principal é que eles se sintam protagonistas na construção da atividade, portanto, se achar pertinente, peça para que cada um, ao se levantar para colar sua atividade no cartaz, leia em voz alta sua anotação ou explique, em poucas palavras, em que consiste o desenho. Se preferir, recolha todos e faça você a colagem. Após, leia as respostas para a turma. O cartaz deve ficar colado na sala, para que seja revisto no final do projeto. A fim de promover interdisciplinaridade com a disciplina de Geografia, sugere-se que o painel tenha o formato do mapa do continente africano. Vale levar para a sala de aula o mapa-múndi ou um globo terrestre, a fim de mostrar para as

crianças a localização do Brasil em relação à África e também as semelhanças entre os mapas dos dois continentes.

Atividade 2: Na atividade 2, os alunos assistirão a dois vídeos relacionados ao continente africano, com o objetivo de ampliar seus olhares acerca daquilo que eles já mostraram saber sobre a África. Embora os primeiros contos a serem trabalhados consistam em contos de adivinhação, é preciso que os alunos se sintam imersos e curiosos a desbravar a cultura africana por meio da leitura dos textos literários.

Professor, o primeiro vídeo, intitulado “As maravilhas da África”, mescla filmagens de belezas naturais, paisagens e animais africanos com imagens do filme de animação “O rei Leão”. Provavelmente os alunos já conhecerão a trilha sonora e as imagens do desenho animado. Após a execução do primeiro vídeo, pergunte aos alunos o que acharam, se imaginavam que a África seria assim e o que mais há no continente que não apareceu nas imagens. O vídeo está disponível no site *YouTube*, no seguinte endereço:

<https://www.youtube.com/watch?v=WX25yTRAAEM>.

Figura 1: Tela do vídeo *Maravilhas da África*



Fonte: YouTube

O segundo vídeo a ser apresentado trata-se da primeira produção, de uma série de reportagens exibidas pelo canal TV Cultura. O vídeo mostra um pouco dos contrastes que permeiam o terceiro maior continente do mundo: a África. Comandada pelo jornalista William Corrêa a série "Viva África", mostra que o continente divide-se entre a pobreza e o desenvolvimento, a vida selvagem e o crescimento urbano. Está disponível no endereço eletrônico:

<https://www.youtube.com/watch?v=xX7eg7T5uNk>.

Figura 2: Tela do vídeo *Viva África – Os contrastes africanos*



Fonte: YouTube

Atividade 3: Após a execução dos vídeos e breve debate de troca de impressões sobre os conteúdos abordados, solicite para que os alunos anotem, em uma folha que lhes será entregue, as informações que mais chamaram a atenção, explicando o porquê. Os registros serão incorporados ao *portfólio* da turma.

Professor, durante o desenvolvimento de toda a sequência, os registros e o uso do portfólio são muito importantes, pois possibilitarão a visualização do crescimento alcançado por seus alunos durante o percurso e a comparação dos resultados iniciais com os últimos. (COSSON, 2007). Ao entregar as folhas para o registro, promova alguns questionamentos para serem respondidos oralmente (direcione as questões para cada aluno para que o momento ocorra de maneira organizada):

- 1) *O primeiro vídeo não possuía falas, apenas música e imagens. É possível dizer qual era o tema abordado por ele?*
- 2) *O segundo vídeo era uma reportagem televisiva. Em quais lugares é possível assistir a vídeos como esse?*
- 3) *O que você sentiu ao assistir ao primeiro e ao segundo vídeo?*
- 4) *O que mais chamou sua atenção no segundo vídeo?*
- 5) *Vendo às imagens e informações apresentadas nos vídeos, o que você acha que há de semelhante entre a África e o Brasil?*

SEGUNDA ETAPA: INTRODUÇÃO

“Conhecendo o autor e a obra”

Duração: 1 aula.

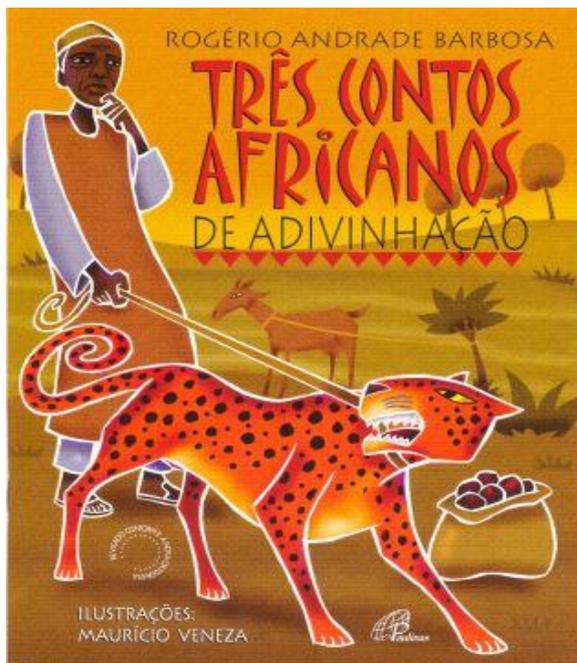
Objetivo: Apresentar fisicamente a obra aos alunos, chamando a atenção para os elementos paratextuais, de modo a instigar para a construção de hipóteses de leitura.

Professor, nesta etapa é fundamental que os alunos tenham a obra em mãos para que seja feita a exploração do exemplar.

Atividade 1: Fazer uma exploração de maneira oral dos elementos paratextuais da obra. Através da visualização do livro, chamar a atenção dos alunos para:

a) Capa: levar os alunos a observarem o projeto gráfico (cores, estilo das letras, ilustrações, etc.), os nomes do autor e ilustrador, título da obra e editora.

Figura 3: Capa do livro *Três contos africanos de adivinhação*



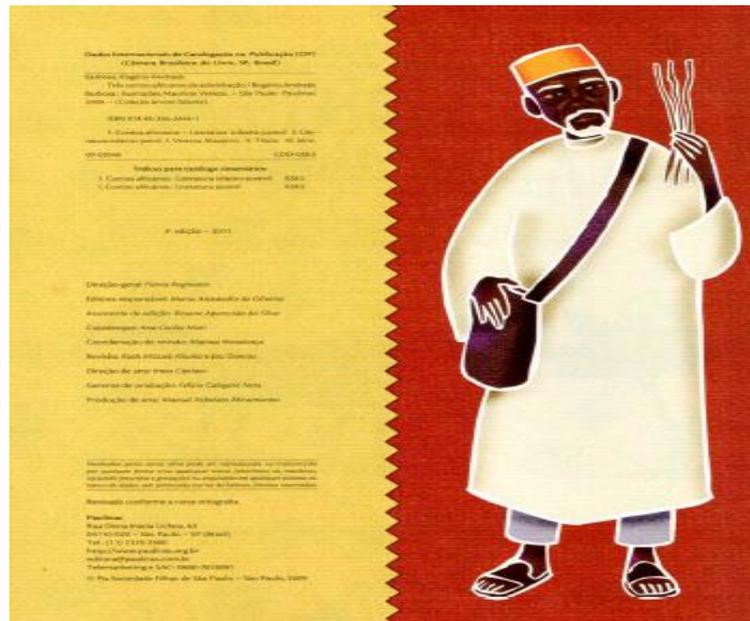
Sugestão...

A capa do livro possui cores atraentes e ilustrações, que certamente irão chamar a atenção dos alunos. Aproveite o momento para instigar seus alunos a pensarem sobre o que irão tratar as histórias apresentadas no livro e também para explicar os motivos que o levaram a seleção dessa obra.

Fonte: Barbosa (2009)

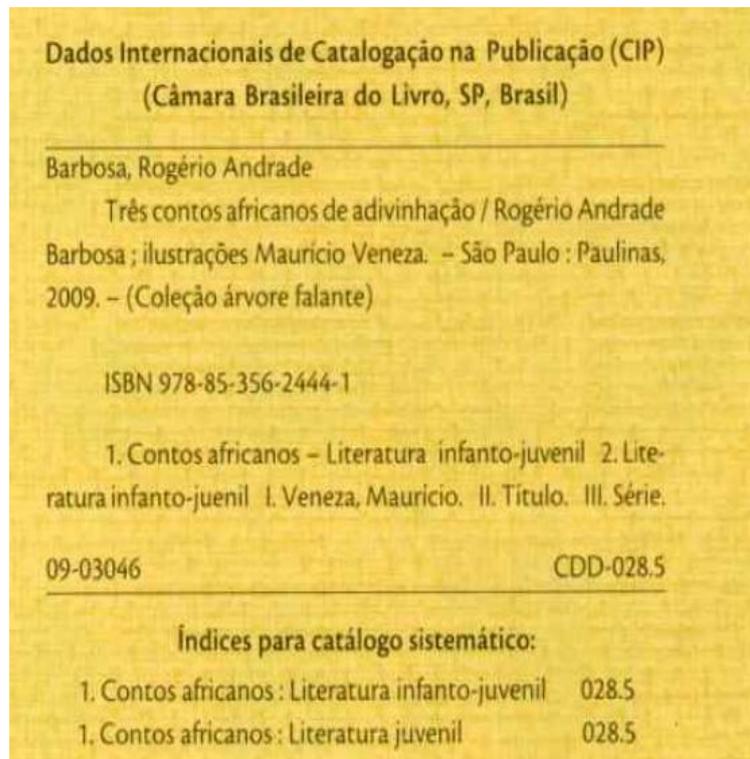
b) Folha de rosto: explicar para as crianças que a folha de rosto do livro em estudo além de apresentar novamente o título (igual ao da capa), no verso, traz a ficha catalográfica da obra (autoria, título, editora, ilustradores, ano da edição, local de publicação), bem como outras informações, como, dados da equipe editorial.

Figura 4: Folha de rosto do livro *Três contos africanos de adivinhação*



Fonte: Barbosa (2009).

Figura 5: Detalhe ficha catalográfica do livro *Três contos africanos de adivinhação*



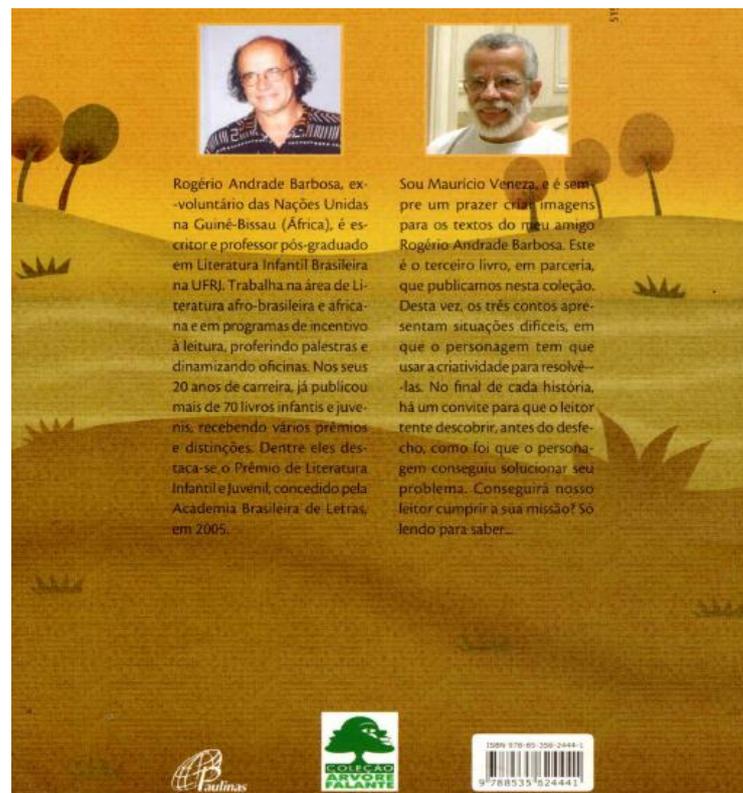
Fonte: Barbosa (2009).

c) Nota do autor: Ler para os alunos a “nota do autor” que introduz o livro *Três contos africanos de adivinhação*. Explicar a eles que Rogério Andrade Barbosa faz um convite à leitura por meio dessa nota, instigando-os a pensarem e a levantarem

hipóteses de como serão os contos de adivinhas, assim como a falarem o que sabem sobre o país de origem dessas histórias.

d) Contracapa: Identificar, juntamente com os alunos, as imagens que compõem a contracapa, tais como os textos que a integram, com breves biografias do autor e ilustrador.

Figura 6: Contracapa do livro *Três contos africanos de adivinhação*



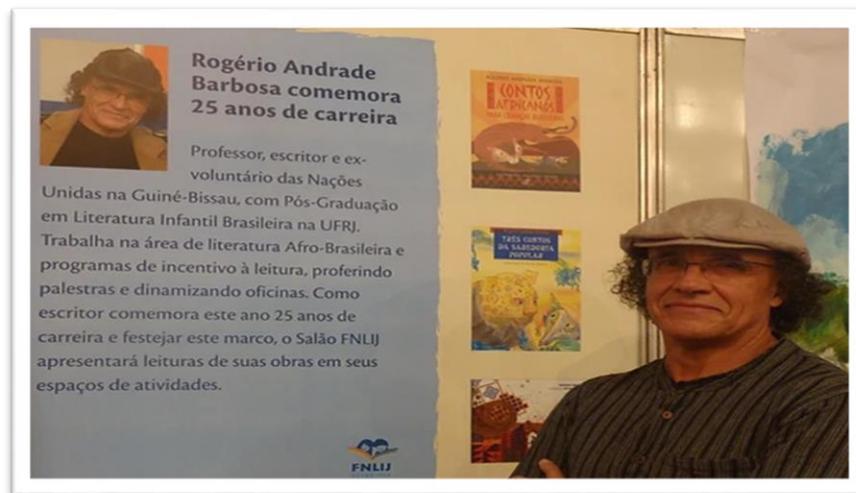
Fonte: Barbosa (2009)

Professor, caso disponha de apenas um exemplar do livro ou se preferir uma melhor visualização dos elementos mencionados, recomenda-se expor as imagens de cada um dos elementos paratextuais em uma tela maior, como TV ou Datashow (a depender da disponibilidade de sua escola). Porém, é essencial que, mesmo fazendo a leitura por meio da tela, os alunos tenham a oportunidade de manusear o livro no decorrer da sequência. A proposta de letramento literário visa aproximar o leitor da obra, de modo que as crianças não apenas conheçam as histórias narradas, mas que se sintam próximos ao livro físico, entendendo a função e o porquê da presença de cada um dos elementos que o compõem.

Outras possibilidades...

Neste momento, sugere-se, ainda, apresentar aos alunos a bibliografia do autor, disponível no endereço eletrônico: <https://www.rogerioandradebarbosa.com.br/>. Se for possível, abra o site juntamente com os alunos e faça a leitura tecendo comentários sobre os livros publicados, os títulos acadêmicos e também sobre a missão do autor enquanto voluntário das Nações Unidas na África (explique o que é e qual o objetivo da organização). O site também contém uma galeria de fotos, que revela muitos momentos vividos por Rogério Barbosa no Brasil e na África.

Figura 7: Homenagem da editora Melhoramentos em comemoração aos 25 anos de Literatura Infante Juvenil de Rogério Andrade Barbosa



Fonte: Site do autor

Figura 8: Visitando escola em Tarrafal, Cabo Verde – 2012



Figura 13: Visitando escola em Tarrafal, Cabo Verde – 2012 – Fonte: Site do autor

Atividade 2: Após a exploração dos elementos paratextuais, trazer algumas questões para reflexão e debate:

- a) *Considerando os elementos externos da obra (capa, contracapa, ilustrações) você acha que o título está de acordo?*

- b) *Você fará a leitura de três contos africanos de adivinhação (conforme o próprio título da obra indica). Como você imagina que serão os personagens dessas histórias? (Características físicas, gostos, personalidade, ambientes que frequentam, etc.).*
- c) *Você sentiu-se motivado a ler a obra? Acredita que irá gostar das histórias? Por quê?*

Atividade 3: Ainda nesta etapa, pedir aos alunos que anotem as respostas das perguntas acima em um caderno ou folha elaborada para compor um portfólio (que pode ser individual, por aluno, ou um único portfólio para a turma), a fim de que, durante e após a leitura da obra, possam verificar se as hipóteses se confirmaram ou não.

Professor, lembre-se de que o registro é instrumento fundamental para que o professor tenha suporte para analisar os resultados alcançados e comparar as estratégias que deram certo e o que se pode melhorar em futuras sequências elaboradas para turma. Conforme Cosson (2018, p. 48-49),

[...] o uso do *portfólio* oferece ao aluno e ao professor a possibilidade de registrar as diversas atividades realizadas em curso, ao mesmo tempo em que permite a visualização do crescimento alcançado pela comparação dos resultados iniciais com os últimos, que seja do aluno, quer seja da turma. É essa dualidade de registro do portfólio que nos interessa acentuar no encadeamento das atividades que sustentam as [...] sequências, pois ela auxiliará o fortalecimento do leitor à medida que ele participa da comunidade.

TERCEIRA ETAPA: Leitura e Interpretação “Histórias para ler, recontar e raciocinar”

Duração: 13 aulas

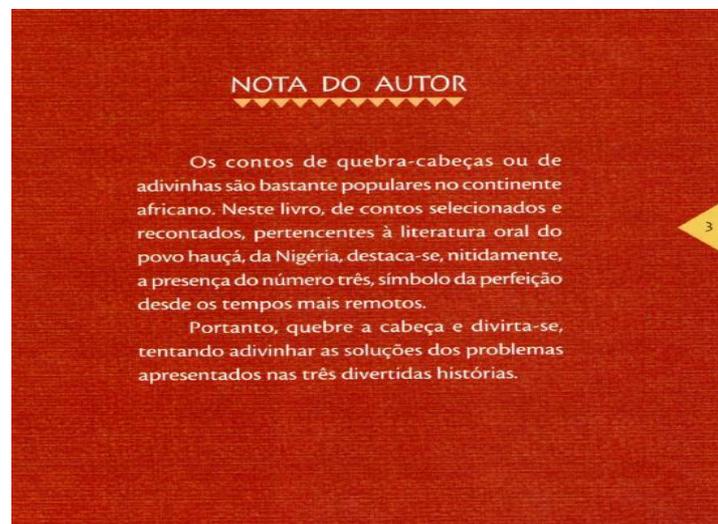
Objetivo: Promover a leitura e análise dos três contos que compõem o livro *Três contos africanos de adivinhação* (Barbosa, 2009), de modo a auxiliá-los no raciocínio e decifração dos enigmas contidos nas histórias.

Professor, por se tratarem de três contos diferentes contidos em uma única obra, as atividades da terceira e quarta etapas estarão articuladas, visto que para cada texto haverá um ou mais intervalos de leitura (a depender da necessidade diagnosticada pelo professor, no qual os alunos deverão refletir sobre o que já fora lido e sobre o enigma proposto pelo locutor), após a cada leitura serão realizadas atividades de interpretação. Lembre-se, os intervalos de leitura funcionam como um diagnóstico da etapa de decifração no processo de leitura. Ao fazer este acompanhamento da leitura por meio dos intervalos, o professor poderá ajudá-los a resolver ou equacionar questões que vão desde a interação com o texto, a exemplos do desajuste das expectativas que pode levar ao abandono do livro, até o ritmo de leitura, possível consequência tanto das condições de legibilidade do texto quanto da disponibilidade do aluno para realizar a atividade. (COSSON, 2006, p. 64).

Importante!

Antes de iniciar a leitura do primeiro conto, *Os três gravetos*, retome com os alunos a nota do autor, contida na página 3 do livro, já lida na etapa da introdução. As informações são importantes para situar o aluno de que lugar da África as histórias se referem. É importante que o aluno comece a perceber que embora os contos refiram-se à África, o continente em questão é muito grande, repleto de diferentes povos e múltiplas culturas.

Figura 9: Nota do autor



Fonte: Barbosa (2009)

Atividade 1: Leitura do conto “Os três gravetos”.

A leitura do primeiro conto será realizada pelo professor, de maneira oral, atentando à entonação adequada e podendo fazer uso de diferentes recursos, como fantoches, utilizando as próprias ilustrações do livro impressas em tamanho maior, para que haja uma melhor visibilidade pela turma. O professor também poderá contar a história

fazendo uso direto do livro, de modo a contar e mostrar simultaneamente as ilustrações às crianças. A leitura (contação) da primeira parte da história acontecerá até o momento em que aparece a questão (adivinha, enigma) a ser solucionada:

“QUAL FOI O TRUQUE DO ADIVINHO PARA PEGAR O LADRÃO?”

Sugestões de perguntas a serem feitas aos alunos:

- *Quem são os personagens da história?*
- *Onde se passa a história?*
- *Por que motivo o monarca estava furioso?*
- *O monarca pede para que os súditos chamem uma pessoa. Que pessoa é essa?*
- *O adivinho entregou a cada um dos prisioneiros, suspeitos de roubarem o anel, um graveto de igual tamanho e disse que quem estivesse com o graveto crescido, na manhã seguinte, seria o ladrão. O que aconteceu na manhã seguinte?*
- *Na opinião de vocês, qual foi o truque do adivinho?*

Atividade 2: Após o momento do debate, quando os alunos responderão oralmente os questionamentos feitos pelo professor e levantarão hipóteses para a solução do enigma, conclua a leitura do conto.

Figura 10: Imagem livro (p.10)



Fonte: Barbosa (2009)

Figura 11: Imagem livro (p. 11)



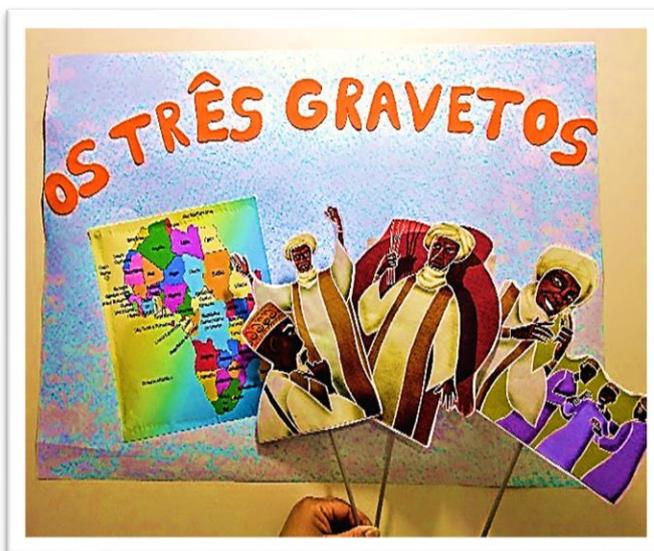
Fonte: Barbosa (2009)

Professor, seja qual for a maneira como fará a contação da história, por meio de fantoches ou mostrando as imagens diretamente do livro, a comunicação visual será um recurso indispensável neste momento, visto que, por se tratar de uma turma de 4º ano, a visualização das imagens despertará mais a atenção das crianças e ajudarão a compor a interpretação do conto. Lembre-se de que o seu modo de contar, a intensidade de sua voz e confiança na leitura influenciarão na compreensão da história. Conforme Betty Coelho (1986, p. 50):

Contar [histórias] com naturalidade implica ser simples, sem artificialismos. São também indispensáveis sobriedade nos gestos e equilíbrio na expressão corporal. Se o contador vivencia o enredo com interesse e entusiasmo, ele estabelece sintonia com o auditório. É necessário exercitar a criatividade para recriar o texto com originalidade, sem modificar a estrutura essencial.

Portanto, faça com que o momento da contação da história seja agradável. Faça com que as imagens complementem o verbal, dando o protagonismo à sua voz.

Figura 12: Cartaz e fantoches no palito



Sugestão...

Ao lado, cartaz e fantoches no palito, produzidos a partir da impressão de personagens ilustrados no livro “Três contos africanos de adivinhação”. No cartaz, o título do conto e um mapa da África. O professor pode utilizar o mapa para introduzir a história, mostrando a localização do país Nigéria.

Fonte: Acervo da autora

Atividade 3: Apresentar as características do gênero conto e os elementos que compõem a narrativa.

Professor, o gênero literário **conto** é caracterizado por ser **uma narrativa** curta, cujo começo, meio e fim dos fatos são narrados de maneira breve, porém, suficiente para se contar a história com sentido completo. Os contos apresentados neste primeiro momento caracterizam-se como **contos de adivinhação**, muito populares na tradição popular oral dos povos africanos. Embora possua algumas particularidades que o difere de outros tipos de contos existentes na literatura (como os contos de suspense, contos de fadas, contos fantásticos), há algo em comum em todas essas narrativas: todos possuem narrador, personagens, espaço, tempo e ação. As próximas atividades buscarão levar os alunos a identificarem e a compreenderem a função de cada um desses elementos dentro da narrativa.

Questões a serem respondidas pelos alunos. É fundamental que cada aluno tenha uma cópia do conto em mãos para que seja consultada e relida no decorrer das atividades.

- 1) Quem são os personagens do conto *Os três gravetos*?
- 2) O **narrador** da história:

Observa os fatos. Participa da história. Vive a história.

- 3) Em que local ou **espaço** acontecem os fatos narrados no conto?
- 4) É possível saber em que tempo aconteceu a história? Justifique sua resposta.
- 5) Complete o quadro com as informações retiradas do texto.

Organização do enredo	
1. Situação inicial	
2. Complicação	
3. Clímax	
4. Desfecho	

Professor, para resolução da atividade 5, explique aos alunos que **narrativa** ou **texto narrativo** é onde se narra, ou seja, relatam-se ações desenvolvidas por um ou mais personagens num determinado tempo e espaço, de modo a construir um enredo (história narrada). Neste primeiro momento é importante que se apresente a organização do enredo às crianças, explicando o significado de cada palavra e o que representa cada uma das partes no conto (situação inicial, complicação, desfecho e clímax). Para isso, apresente o quadro abaixo e busque identificar no conto, juntamente com eles, cada um dos itens contidos no quadro. Só então é que responderão, juntos, a atividade. É essencial que o exercício seja realizado de maneira conjunta, com a mediação do professor.

ORGANIZAÇÃO DO ENREDO NAS NARRATIVAS	
SITUAÇÃO INICIAL	É a parte da narrativa em que são apresentados alguns personagens e expostas algumas circunstâncias da história. Na situação inicial, são apresentados o momento e o lugar em que a ação (enredo) se desenvolverá.
COMPLICAÇÃO	É a parte do enredo ocorre o desenvolvimento de um conflito, conduzindo a história a um clímax.
CLÍMAX	É o momento mais tenso da história, e que exige uma solução.
DESFECHO	Momento em que ocorre a resolução do conflito. Há uma solução para o problema apresentado. É a conclusão da história.

Atividade 4: Reescrita do conto e identificação do ensinamento transmitido pelo conto.

- 1) Você percebeu que um dos guardas que deveria fazer a segurança da corte acabou cometendo um delito e foi descoberto. Você acredita que ele deveria ser punido pelo ato cometido? Por quê?
- 2) Por que é errado mexer ou tomar posse de coisas que não são nossas? Que conselho você daria ao guarda que furtou o anel para que ele não volte mais a cometer um erro como esse?
- 3) Agora que você já entendeu como se organiza um conto e algumas características do conto africano de adivinhação, reescreva a história em seu caderno, com suas palavras e faça uma ilustração representando a história estudada.

Professor, é relevante destacar que nestes momentos de discussões, é de grande importância dar atenção à fala do aluno, ouvir seus posicionamentos, suas dúvidas e auxiliá-lo no processo de construção de representações sobre o texto.

Atividade 5: Leitura do conto “Três mercadorias muito estranhas”.

Para leitura do segundo conto da obra, sugere-se que o professor entregue uma cópia do conto para cada aluno, impresso em frente e verso, de modo que a solução do enigma esteja presente no verso da folha. O intuito, no primeiro momento, é que cada

aluno realize a sua leitura, de maneira individual. Porém, as crianças serão divididas em equipes, a fim de que, no momento do intervalo, as equipes conversem entre si e tentem de maneira coletiva chegar à resolução da adivinhação.

Professor, antes de pedir para que os alunos iniciem a leitura do conto, destaque o fato de que no título, assim como no título do conto anterior e no próprio nome do livro, aparece novamente o número **três**. Como o autor destaca na nota introdutória da obra, o número três é símbolo da perfeição na cultura africana, desde os tempos mais remotos. (BARBOSA, 2009, p. 3). Para iniciar a aula, coloque o nome do conto em destaque na lousa e enquanto realiza a sondagem inicial com os questionamentos orais, anote no quadro as principais hipóteses levantadas pelos alunos.

Perguntas a serem realizadas oralmente aos alunos antes da leitura do conto:

- 1) *Pelo título do conto, do que você acha que irá se tratar a história?*
- 2) *Quais devem ser as mercadorias de que o conto irá falar? Por quê?*
- 3) *Onde você acha que deve se passar a história?*
- 4) *Qual é o significado de “estranho”? Por que você acha que o autor chama as mercadorias de estranhas?*

Atividade 6: Intervalo de leitura: tentando decifrar o enigma.

Professor, após os alunos terem realizado a leitura individual e silenciosa, releia a primeira parte do conto com eles. Ao chegar no questionamento, enfatize o que a adivinha propõe (**descobrir como atravessar o rio carregando um leopardo, uma cabra e um saco cheio de inhames**), e peça para que os alunos discutam entre si como seria possível solucionar esse problema. Estipule um tempo para que conversem e para que escolham um membro do grupo para apresentar à turma a conclusão a que chegaram. Se achar pertinente, peça para que as folhas, que contêm a conclusão da história, permaneçam embaixo da carteira. Enfatize que não tentem ler a segunda parte da narrativa antes do momento certo para isso.

Atividade 7: Decifrando o enigma. Após cada representante das equipes apresentarem suas hipóteses de resolução, o professor fará a leitura em voz alta da segunda parte do conto, ou poderá pedir para que algum aluno leia para a turma. Após a leitura, professor e alunos poderão conversar sobre o desfecho e as demais soluções encontradas pela turma, para, então, resolverem as seguintes questões manuscritas:

- 1) *Quais são os personagens da história?*
- 2) *Quem é o personagem principal? Como você chegou a essa conclusão?*
- 3) *No conto, um camponês precisava atravessar o rio Níger carregando consigo algumas mercadorias. Quais eram elas? Quais eram os problemas que impediam o homem de realizar essa tarefa?*
- 4) *Na outra margem do rio havia crianças. O que elas faziam? Qual foi a reação delas ao ver o velho tentando atravessar o rio com as mercadorias?*
- 5) *Por que a cabra e o inhame não podiam ficar juntos?*
- 6) *O leopardo e a cabra também não podiam ficar juntos. Por quê?*
- 7) *Qual foi a solução dada pelo lavrador para resolver a charada?*
- 8) *Pelo raciocínio do lavrador, quantas viagens o camponês teria de fazer para conseguir atravessar com todas as mercadorias?*
- 9) *Procure no dicionário e copie o significado da palavra “mercadoria”.*
- 10) *Com base na definição encontrada no dicionário e nas discussões realizadas, explique o título do conto: Três mercadorias muito estranhas.*

Atividade 8: Tecendo saberes: os provérbios populares e a sabedoria do mais velho.

Professor, esta atividade terá início em sala de aula e será levada para casa, a fim de que os alunos pesquisem com os pais, avós ou outros familiares provérbios populares que serão compartilhados com a turma em aula futura. Explique para os alunos que eles poderão fazer uso da internet para complementar a pesquisa, porém, o objetivo principal é que eles colem as informações com pessoas mais velhas da família.

- 1) Observe com atenção a seguinte fala dita pelo camponês da história:

- Vocês não aprenderam, de acordo com a nossa tradição, a respeitar os idosos? Em vez de ficarem criticando, por que não me ajudam? O que vocês fariam se estivessem em meu lugar? Lembrem-se – argumentou citando um antigo provérbio – “quem é velho já foi jovem”.

Essas palavras deixaram as crianças em silêncio, sem reação. Qual é a sua opinião sobre a atitude das crianças?

- 2) Em sua opinião, onde vivemos, as pessoas respeitam os idosos? Justifique.
- 3) O que as pessoas mais velhas podem ensinar às pessoas mais jovens? Por quê?
- 4) O que pode ser feito para que haja mais respeito na sociedade para com as pessoas idosas?
- 5) Além do provérbio destacado no trecho acima, o conto apresenta um outro ditado africano, típico da sabedoria popular. Copie-o.

- 6) Você sabe qual é a origem dos provérbios e o que eles representam nas culturas brasileira e africana? Leia o texto abaixo e resolva a próxima questão em casa. Na aula seguinte, você compartilhará sua resposta com os colegas.

Caro aluno, agora que você já conhece um pouco mais o que são os provérbios, pergunte para seus pais, avós, tios ou outras pessoas mais velhas um provérbio que eles conheçam e qual o significado desses ditados para a vida dessas pessoas. Anote sua pesquisa no caderno. Na próxima aula, você irá compartilhar seus provérbios com os colegas.

O QUE SÃO OS PROVÉRBIOS AFRICANOS?

Maria Stella de Azevedo Santos

Os provérbios fazem parte da oralidade africana, mas também de todos os outros continentes. É universal a maneira de falar em frases curtas e expressivas. Aristóteles disse: “reliquia que, em virtude de sua brevidade e exatidão, salvaram-se dos naufrágios e das ruínas das antigas filosofias”. Os provérbios podem ser conceituados como: enunciados breves, de origem desconhecida, que expressam uma sabedoria a ser utilizada em qualquer tempo e lugar; Frases sintéticas, cujos conteúdos condensados expressam grande sabedoria; Fontes de prazer que, pela sua estrutura, possibilita ao cérebro fixar mensagens que colaboram para que o homem se harmonize consigo e com o outro.

Diz-se que uma frase expressiva é um provérbio quando: sua origem é desconhecida porque seu autor se perdeu no tempo, uma vez que geralmente é pronunciada de maneira natural a partir de uma determinada situação; torna-se popular, porque sendo criada a partir de uma circunstância particular, passa a ser utilizada pela população em geral, sempre que circunstâncias semelhantes voltam a acontecer; é universal, pois muitas frases curtas e com sentido são pronunciadas, mas só se tornam provérbios aquelas que possuem caráter universal, de forma ampla ou restrita – uma comunidade, por exemplo. São exemplos de provérbios, ou ditados populares, de origem africana:

- Ninguém grita de dor quando cuida de suas próprias feridas.
- A pessoa que trabalha duro, ganha a inimizade do desocupado.
- Aquele que cai no buraco ensina aos que vêm atrás a terem cuidado.
- Quem não sabe construir uma casa, monta uma barraca.

Os provérbios, portanto, podem e devem ser utilizados no sistema formal de educação, não só na área de Língua Portuguesa, mas em várias outras áreas. O ditado popular, em forma de sotaque – um dito picante – “quem nasceu para dez réis, nunca chega a vintém”, é excelente para falar dos tipos de dinheiro na história do nosso país.

Fonte: <http://mundoafro.atarde.uol.com.br/tag/proverbios/> Acesso em: 17/07/2020
(Adaptado)

Professor, para a aula seguinte, prepare o ambiente da sala para realização de uma “Roda de provérbios.” Os alunos poderão ficar dispostos em círculo, nas próprias carteiras ou sentados no chão, como preferir. Também poderão ser levados para um ambiente externo,

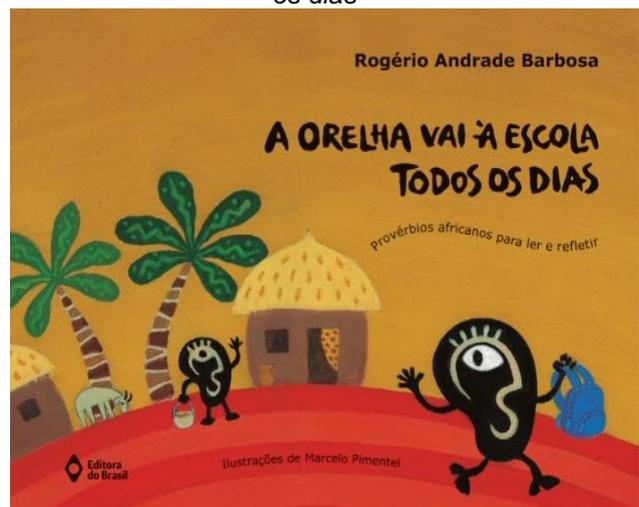
onde haja pouco barulho para que consigam falar e ouvir com clareza. Estimule-os a comentarem sobre como foi a realização da pesquisa, quem foram as pessoas a quem eles perguntaram sobre os provérbios e qual provérbio chamou mais a sua atenção.

Atividade 9: Roda de provérbios. Os alunos deverão compartilhar com os colegas, da maneira oral, os provérbios pesquisados. Após a troca de experiências, entregar a cada um deles um pedaço de papel em branco no qual eles deverão anotar o provérbio aprendido que mais lhe chamou atenção. Para o provérbio escolhido, o aluno deverá produzir um desenho que o ilustre. Os trabalhos irão compor a “Árvore dos provérbios”, um cartaz em formato de árvore, com os papéis escritos e ilustrados colados, de maneira a compor um bonito trabalho. O cartaz deverá ficar exposto em algum lugar da escola, onde os alunos de outras turmas o possam ler e apreciar.

Sugestão!

Professor, nesse momento, você poderá compartilhar com os alunos a leitura do livro *A orelha vai à escola todos os dias* (2019), também de autoria do escritor Rogério Andrade Barbosa. O projeto, publicado pela Editora do Brasil, é fruto das viagens de Rogério à África e proporciona um mergulho na sabedoria passada de gerações em gerações.

Figura 13: Capa do livro *A orelha vai à escola todos os dias*



Fonte: Barbosa (2019)

Atividade 10: Conexões: Localização do rio Níger. O conto “Três mercadorias muito estranhas” passa-se às margens do rio Níger. A presente atividade busca situar os alunos da localização do rio mencionado no conto e sua importância para o continente africano, 3º continente mais extenso do mundo.

Professor, prepare com antecedência o projetor (*data show*) para a aula. Assim, ficará mais fácil a compreensão do mapa político da África, a localização do rio Níger, sua extensão territorial e importância para o continente. Antes de iniciar a atividade, dirija aos alunos alguns questionamentos para serem respondidos de maneira oral. Anote as principais respostas na lousa.

Sugestões de perguntas:

- a) Qual a importância de um rio para uma cidade?
- b) Quais são os rios que banham a nossa cidade?
- c) Quais são os cuidados que devemos ter para preservação dos rios?
- d) Que outros rios brasileiros você conhece?
- e) O conto “Três mercadorias muito estranhas” tem como cenário as margens de um importante rio africano. Que rio é esse?
- f) Qual deve ser a importância desse rio para a África? Você conhece outros rios africanos?

Após os questionamentos orais, seguir para as atividades descritas abaixo, com auxílio de mapas e/ou *data show*.

Professor, antes de iniciar as próximas atividades descritas será importante explicar aos alunos o significado da palavra “continente”, que lhes pode ser desconhecido, em um momento interdisciplinar, envolvendo conceitos da disciplina de geografia. Para tanto, sugere-se a utilização do próximo texto. Se possível, leve para a sala de aula um globo terrestre e/ou um mapa-múndi em tamanho grande para mostrar aos alunos a localização dos continentes mencionados no texto.

CONTINENTES

Você sabe quais são os continentes que fazem parte da Terra? Leia e descubra as suas características!

Os continentes são as divisões do espaço terrestre elaboradas pelo homem para melhor compreendê-lo. Trata-se de grandes massas de terras que são separadas pelos oceanos. Assim, de acordo com a divisão atual, existem seis principais continentes: **América, Europa, África, Ásia, Oceania e Antártida**.

A seguir, veremos as características de cada um dos continentes, organizados do maior para o menor.

1º Ásia – Além de ser o maior dos continentes, é também o que possui a maior população do planeta. Sua área total é de quase 45 milhões de km² e a população atual está estimada em 4,5 bilhões de pessoas. É na Ásia que encontramos o ponto mais alto do mundo, o Monte Everest, com 8.848m de altura.

Entre os 53 países que fazem parte da Ásia, podemos citar: China, Índia e a maior parte de Rússia. Nela também se encontra uma região que apresenta as relações políticas mais conflituosas do mundo: o Oriente Médio.

2º América – O segundo maior continente do mundo, com uma área total de 42 milhões de km², é geralmente dividida em três partes: América do Norte, América

do Sul e América Central. Outra forma divisão separa o continente entre América Anglo-Saxônica e América Latina. A população total desse continente está estimada em aproximadamente 1 bilhão de habitantes.

Dentre os 35 países que compõem a América, podemos citar: Estados Unidos, México e Canadá, na América do Norte; Haiti, Cuba e Jamaica, na América Central; Brasil, Argentina e Paraguai, na América do Sul.

3º África – O continente africano é um dos que possuem a maior quantidade de etnias em todo o planeta. Antes da colonização realizada pelos europeus, existiam mais de duas mil civilizações diferentes! Sua extensão territorial é de mais de 30 milhões de km² e a população está estimada em 1,2 bilhões de habitantes.

É o continente que possui o maior número de países: 54, ao total. Dentre eles, podemos destacar o Egito, a Tunísia, a Nigéria e a África do Sul.

4º Antártida (Antártica): também chamada de “Polo Sul”, é o quarto maior continente do mundo, com aproximadamente 14 milhões de km². Sua área é dividida entre vários países do mundo, que realizam pesquisas e estudos científicos.

Ao contrário do que muitas pessoas imaginam, esse continente não é formado apenas por gelo, mas também por uma grande quantidade de terra (ao contrário do Polo Norte, que é formado somente por calotas polares). Existe vida na Antártida, que abriga os famosos Pinguins, entre outras tantas espécies que conseguem resistir ao frio extremo!

5º Europa: apesar de ser um dos menores continentes do mundo, a Europa é o mais importante politicamente. Foi a partir dela que se constituiu e se expandiu o sistema capitalista e seus valores econômicos, sociais, políticos e culturais. As ciências também são, em sua maior parte, oriundas desse continente, pois foi nele que os gregos criaram a Filosofia.

Sua extensão territorial é de mais de 10 milhões de km² e a população é de aproximadamente 800 milhões de habitantes.

Entre os 49 países que compõem a Europa, podemos citar: Inglaterra, Alemanha, França, Portugal, Espanha e muitos outros.

6º Oceania: é chamada pelos europeus de “novíssimo mundo”, pois foi o último local da Terra a ser colonizado por eles. Possui 14 países distribuídos por mais de 8 milhões de km². A maioria deles é formada por arquipélagos (conjunto de ilhas). A população total desse continente é de aproximadamente 40 milhões de pessoas.

Dentre os países que fazem parte da Oceania, podemos destacar a Austrália, a Nova Zelândia e o Taiti.

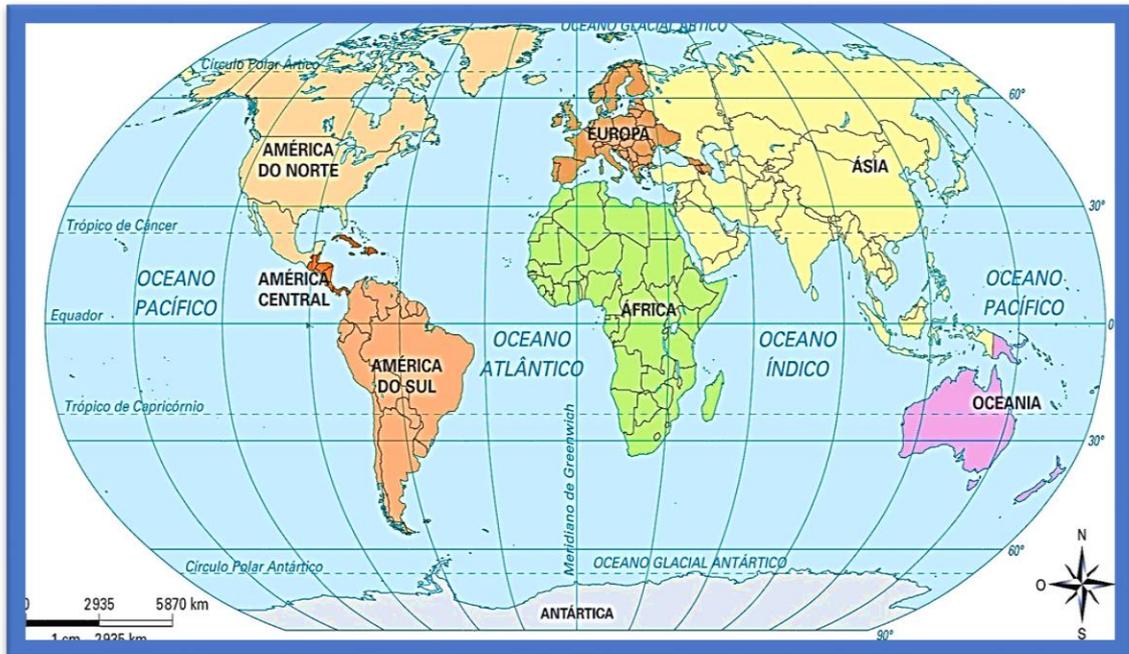
[...]

Por Rodolfo Alves Pena
Graduado em Geografia

Disponível em: <https://escolakids.uol.com.br/geografia/continentes.htm>. Acesso em: 19 out. 2020

- Você já sabia que a África é o 3º continente mais extenso do mundo? Fica atrás apenas da Ásia e da América. Observe abaixo:

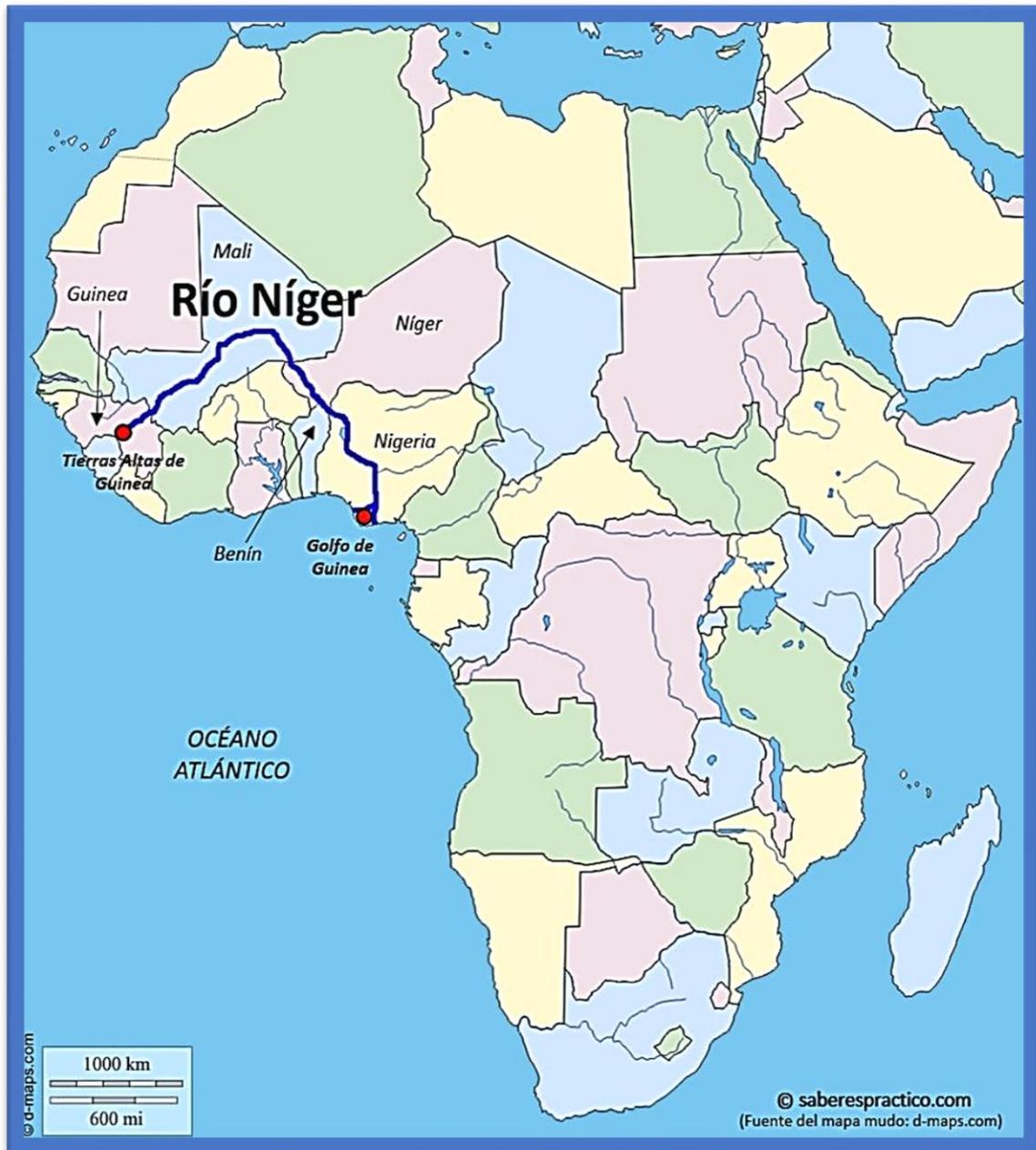
Figura 14: Mapa-múndi – divisão dos continentes



Fonte: Pinterest (2020)

- O conto “Três mercadorias muito estranhas” passa-se às margens do rio Níger, que além da Nigéria também banha outros países. Observe o mapa político da África. Consegue localizar onde está o país Nigéria?

Figura 16: Mapa nascimento, percurso e desembocadura do Rio Níger



Fonte: Portal *saberespatico.com* (2020)

- O mapa abaixo traz um recorte do mapa do continente africano, onde é possível observar detalhadamente os países banhados pelo rio Níger. Analise-o e responda: *Quais são os países banhados pelo rio? Em qual país ele nasce? Em que país ele desemboca?*

Figura 17: Percurso Rio Níger



Fonte: Portal mitosdapaz.blogspot.com (2020)

- Além do Rio Níger, no qual se passa a história narrada no conto que estudamos, o continente africano possui outros rios muito importantes, como o rio Congo e o rio Nilo. Já ouviu falar em algum deles? Assista com atenção ao vídeo que seu professor irá passar. Ele falará sobre os três grandes rios africanos: Níger, Congo e Nilo.

Professor, o vídeo intitulado “Geografia: Os grandes rios africanos”, está disponível no site Youtube, com o seguinte endereço eletrônico: https://www.youtube.com/watch?v=dz_AX8WDxxl. De uma forma muito lúdica, fazendo uso de imagens e música, o vídeo fala sobre a importância dos rios Níger, Nilo e Congo para o continente africano e também dos problemas pelos quais esses rios vêm enfrentando ao longo dos anos, como o desmatamento, a poluição e o crescimento das cidades. Deixe que os alunos assistam primeiramente ao vídeo na íntegra, sem interrupções, e, ao terminar a execução, pergunte-lhes o que conseguiram compreender. Depois, execute o vídeo por mais duas ou três vezes (quantas achar necessário), fazendo pausas para que os alunos observem aspectos retratados semelhantes ao que fora narrado e ilustrado no livro *Três contos africanos de adivinhação* (Barbosa, 2009), como as vestimentas das pessoas e as embarcações. Tenha o livro em mãos para mostrar e comparar às imagens mostradas pelo vídeo.

Figura 18: Homem em barco às margens do rio Níger



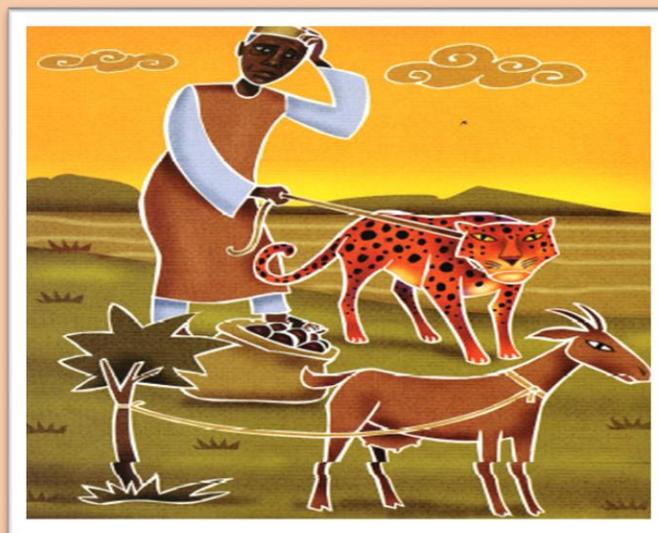
Fonte: YouTube (2020)

Figura 19: Homem às margens do rio Níger



Fonte: YouTube (2020)

Figura 20: Imagem livro “Três contos africanos de adivinhação (p. 12)



Fonte: Barbosa (2009)

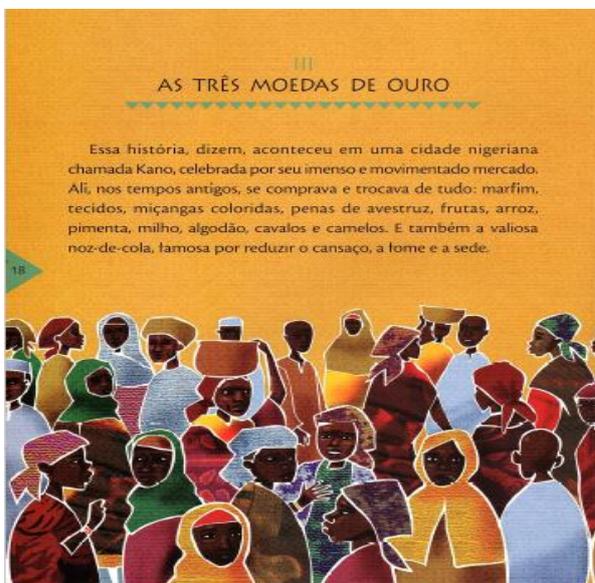
Após assistir e analisar o conteúdo do vídeo, pedir para que os alunos registrem no caderno o que aprenderam sobre o rio Níger e façam uma ilustração sobre o rio. Também poderá solicitar a pintura do mapa do continente africano para que seja colado do caderno ou anexado à pasta de atividades.

Atividade 11: Leitura do conto “As três moedas de ouro”.

Assim como no conto anterior, para leitura do terceiro e último conto da primeira obra trabalhada, o professor poderá entregar uma cópia do conto para cada aluno. A solução da adivinha deve estar no verso da folha, de modo que a criança possa tentar solucionar o enigma antes da conclusão da leitura. O professor poderá organizar novamente a turma em grupos, a fim de que haja interação e troca de opiniões na solução do último conto de adivinhação.

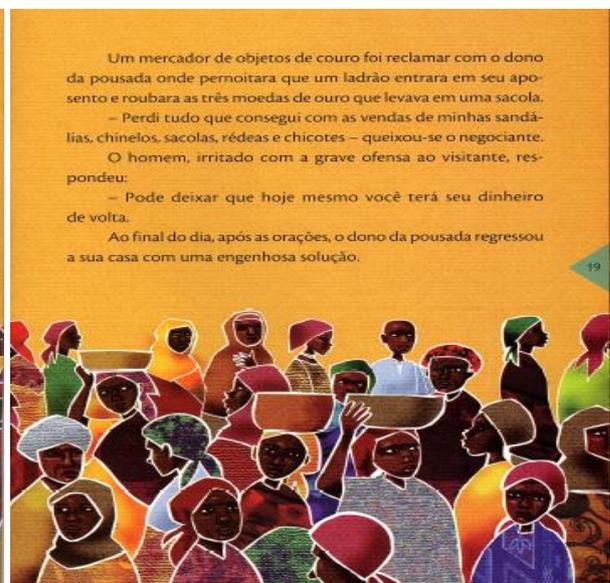
Professor, antes de entregar as fotocópias do conto às crianças e iniciar a leitura, mostre aos alunos as ilustrações presentes nas páginas 18 e 19 do *Três contos africanos de adivinhação*. Chame atenção para a quantidade de pessoas ilustradas nessas páginas e pergunte a eles qual será a provável relação das três moedas de ouro com a ilustração.

Figura 21: Imagem livro (p.18)



Fonte: Barbosa (2009)

Figura 22: Imagem livro (p. 19)



Fonte: Barbosa (2009)

Sugestões de perguntas a serem realizadas oralmente antes da leitura do conto:

- 1) O que vocês observam na ilustração das primeiras páginas do conto?
- 2) Onde estas pessoas podem estar?

- 3) *Como as pessoas estão vestidas? O que elas parecem fazer? O que algumas pessoas estão carregando sobre suas cabeças? Para quê?*
- 4) *O título do conto é “As três moedas de ouro”. Observando a ilustração, qual a provável relação dessas pessoas com as moedas de ouro?*

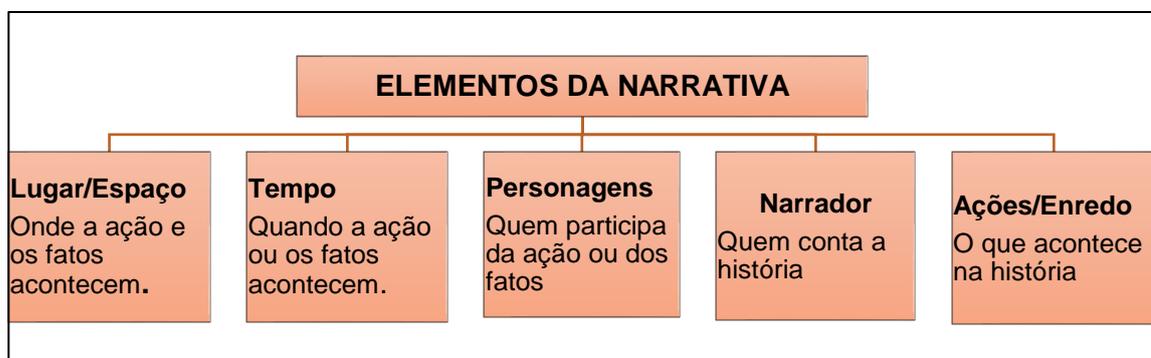
Após os questionamentos orais, iniciar a leitura do conto (o professor poderá conduzir a leitura ou pedir para que algum aluno a faça oralmente). A leitura será pausada no momento em que surgir o enigma: “VOCÊ SABE QUEM FOI O CULPADO? QUAL FOI O TRUQUE?”

Professor, dê espaço para que os alunos conversem entre os membros do grupo sobre qual foi o truque usado pelo dono da pousada para descobrir quem havia roubado as três moedas de ouro do mercador. Após o momento de debate, deixe que cada integrante fale sobre sua hipótese e os motivos que o fizeram chegar a tal solução. Só após a exposição de todas as suposições, conduzi-los à conclusão da leitura do conto.

Atividade 12: Linguagem e construção do texto. Concluída a exposição das possíveis resoluções para o conto de adivinhação e encerrada a leitura da narrativa, o momento agora será de interpretação. Dirigir aos alunos as seguintes questões para serem respondidas de maneira escrita:

- 1) Os contos são narrativas que apresentam alguns elementos próprios. Leia com atenção o esquema a seguir:

Quadro 9: Elementos da narrativa



Fonte: Borgato, Bertin e Marchezi, 2017.

Agora, localize no conto os elementos da narrativa e complete com as informações adequadas:

- a) **Lugar/Espaço:**

- b) **Tempo:**
c) **Personagens:**

2) No conto, **narrador** é quem conta a história.

- a) Releia o trecho do conto “As três moedas de ouro” e circule apenas as frases que pertencem ao narrador.

Um mercador de objetos de couro foi reclamar com o dono da pousada onde pernoitara que um ladrão entrara em seu aposento e roubara as três moedas de ouro que levava na sacola.

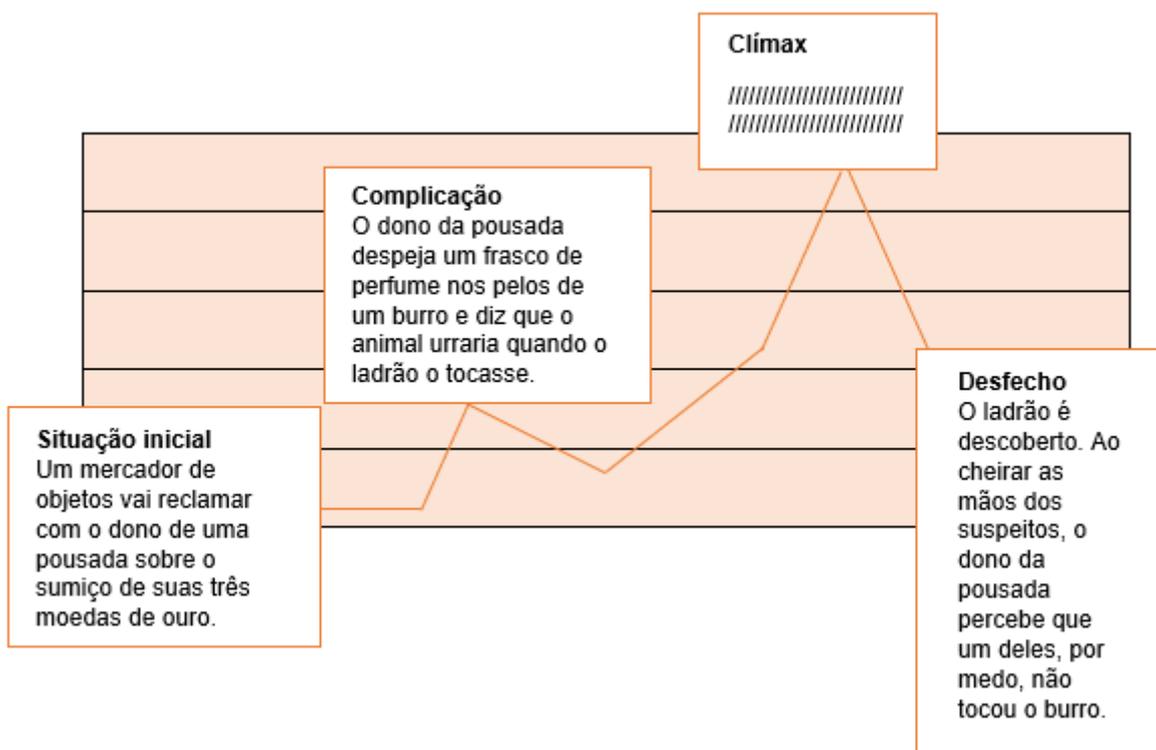
- Perdi tudo que consegui com as vendas de minhas sandálias, chinelos, sacolas rédeas e chicotes – queixou-se o negociante.

- b) Esse narrador participa da história, ou seja, é um personagem? Explique como chegou a essa conclusão.

3) Veja como o enredo foi construído para produzir sentido no conto de adivinhação. Observe o seguinte esquema:

ORGANIZAÇÃO DO ENREDO DO CONTO DE ADIVINHAÇÃO

Quadro 10: Organização do enredo do conto de adivinhação



Fonte: A autora.

Clímax é ponto de maior tensão na narrativa.

Agora, responda: qual é o momento de maior tensão no conto “As três moedas de ouro”?

- 4) Qual pode ter sido a intenção do autor ao deixar o **desfecho**, ou seja, a solução do enigma, para a última frase do texto? Converse com os colegas e responda.

Atividade 13: Ampliando os saberes. Griots: contadores de histórias.

Professor, caminhamos para o fim da primeira sequência didática sobre contos africanos e o objetivo desta atividade é mostrar às crianças a importância dos griots para a cultura africana. As tradições orais, assim como a valorização da memória, estão entre os objetos de estudo da disciplina de História. Portanto, aproveite o momento para ampliar a abordagem e desenvolver entre os alunos novas habilidades no que diz respeito à valorização da sabedoria africana, sua importância em nossa cultura, assim como o respeito aos saberes e vivências do mais velho na cultura de diferentes povos. Aproveite também para lembrar que as histórias contidas no livro *Três contos africanos de adivinhação* (2009) pertencem à literatura oral africana. Rogério Andrade Barbosa, assim como um griot, reconta às crianças brasileiras as histórias que ouviu, com o intuito de manter viva a memória e tradição africana entre os brasileiros.

- **Caro aluno**, leia com atenção a reportagem extraída do *Portal Geledés*, e conheça um pouco mais sobre o papel do griot na cultura africana.

ATÉ OS DIAS DE HOJE OS GRIOTS SEGUEM EM SEU PAPEL DE GUARDIÕES DA TRADIÇÃO

Por JOSEANE PEREIRA, do [Aventuras na História](#)

Contadores de histórias, mensageiros oficiais, guardiões de tradições milenares: todos esses termos caracterizam o papel dos Griots, que na África Antiga eram responsáveis por firmar transações comerciais entre os impérios e comunidades e passar aos jovens ensinamentos culturais, sendo hoje em dia a prova viva da força da tradição oral entre os povos africanos.

Utilizando instrumentos musicais como o Agogô e o Akoting (semelhante ao banjo), os griots e griottes estavam presentes em inúmeros povos, da África do Sul à Subsaariana, transitando entre os territórios para firmar tratados comerciais por meio da fala e também ensinando às crianças de seu povo o uso de plantas medicinais, os cantos e danças tradicionais e as histórias ancestrais. Diferente da

civilização ocidental, que prioriza a escrita como principal método para transmissão de conhecimentos e tem historicamente fadado povos sem escrita ao âmbito da “pré-história”, em sociedades de tradição oral a fala tem um aspecto milenar e sagrado, e deve-se refletir profundamente antes de pronunciar algo, pois cada palavra carrega um poder de cura ou de destruição.

Nesse sentido, os Griots são os guardiões da palavra, responsáveis por transmitir os mitos, as técnicas e as tradições de geração para geração.

O termo “griot” tem origem no processo de colonização do continente africano, sendo a tradução para o francês da palavra portuguesa “criado”. Durante o processo de colonização da costa africana a partir do século XIV, com a progressiva construção de fortes portugueses que funcionavam como entrepostos comerciais, o Reino de Portugal realizava comércio com Reinos africanos como Kongo, Mali e Songhai. Esses primeiros contatos já transformavam tanto as culturas africanas como a nação de Portugal, mas acabaram levando a muitos reinos à desestruturação cultural. Com o tráfico de escravizados e o processo de Neocolonização do século XIX, países como França, Bélgica e Alemanha adentraram os territórios africanos, contribuindo para essa desestruturação.

Entretanto, até os dias de hoje os Griots seguem em seu papel de guardiões da tradição, estando presente em muitos lugares da África Ocidental, incluindo Mali, Gâmbia, Guiné e Senegal, e entre os povos Fula, Hausá, Woolog, Dagomba e entre os árabes da Mauritânia.

Aqui no Brasil, podemos ver semelhanças entre os Griots e os repentistas, que também se utilizam da oralidade para transmitir cultura.

Em sociedades marcadas pela escravidão, os sujeitos foram historicamente considerados meros “objetos” sem memória. Nesse sentido, é importante lembrarmos a importância da memória para esses povos, sendo os Griots a manifestação viva de uma memória transmitida de geração em geração.

Disponível em: <https://www.geledes.org.br/griots-os-contadores-de-historias-da-africa-antiga/>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

- Agora que você já conhece a origem dos griots e sua importância para preservação da memória africana, assista ao vídeo *Griot – Oralidade africana*¹ e aprendeu um pouco mais sobre as diferentes funções desempenhadas pelos griot africanos e também alguns movimentos brasileiros que mantêm vivas as práticas de oralidade trazidas pelos povos africanos, através da musicalidade e contação de histórias.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4ANPy3As0AE>. Acesso em: 10 de setembro de 2020.

Figura 23: Tela do vídeo *Griot – Oralidade africana*



Griot - Oralidade Africana.

27.972 visualizações

👍 689

💬 48

➦ COMPARTILHAR

🔖 SALVAR

⋮

Fonte: YouTube

- Você conhece em sua cidade ou região, algum contador de história que reúna pessoas à sua volta para dividir histórias ou contos orais do lugar onde você vive? Em sua opinião, em que um contador de histórias pode contribuir para a aprendizagem e resgate da cultura em um lugar? Após refletir sobre esses questionamentos, siga as orientações de seu professor pra viver a experiência de ser um contador de histórias por um dia.

QUARTA ETAPA: Produção textual

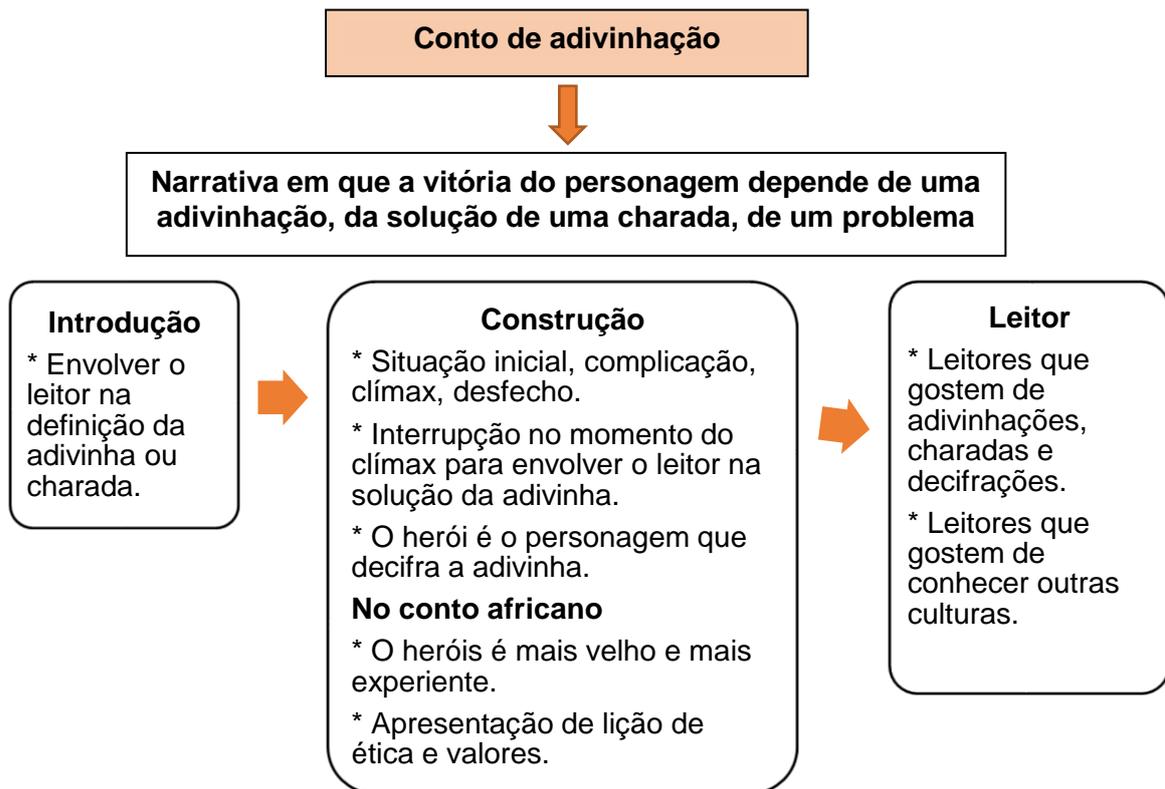
“Recontando um conto africano de adivinhação”

Duração: 3 aulas

Objetivo: Produzir um reconto africano oral e escrito, do modo a exercitar os conhecimentos adquiridos sobre o conto africano de adivinhação.

Professor, antes de apresentar a proposta de produção textual aos alunos, será necessário organizar as ideias e sistematizar o que fora estudado sobre a estrutura do gênero conto africano de adivinhação. Apresente aos alunos o seguinte esquema e teça comentários a fim de que eles relacionem as informações ali contidas com os contos que foram estudados.

Figura 29: Esquema – sistematização do conto africano de adivinhação



Fonte: Trinconi, Bertin e Marchezi (2017), p. 224.

Atividade em dupla – prática escrita e oral.

Caro aluno, você e seu colega agora terão a missão de recontar um conto africano de maneira escrita e, após ensaiarem, como os griots, os contadores de histórias, irão contá-lo oralmente.

Planejando as ações

1. Primeiramente, releiam os contos estudados, contidos no livro *Três contos africanos de adivinhação*, de Rogério Andrade Barbosa.
2. Escolham a história que mais tenham gostado e busquem no dicionário o significado das palavras que ainda desconheçam. Façam as anotações no caderno.
3. Releia a história escolhida quantas vezes acharem necessário – será importante compreendê-la bem.
4. Após a releitura atenta, vocês deverão recontar a história, um ao outro, de maneira oral. Lembrem-se das partes que compõem o enredo: **situação inicial, complicação, clímax e desfecho.**

Escrita do texto

- Juntos, você e seu colega deverão escrever o reconto, com as palavras de vocês.
- Um aluno ficará encarregado de redigir o texto no caderno e o outro dará apoio a quem estiver escrevendo (quem estiver com a segunda função, deverá lembrar o colega de todos os detalhes da história, fazendo com que o texto, embora seja um reconto, não perca a essência do original.)

Revisão

- Você já deve saber que toda escrita de um texto exige uma revisão, observando todos os sinais de pontuação, a escrita das letras maiúsculas e minúsculas, assim como o sentido do texto. Após revisarem o texto e com a nova versão pronta, façam uma leitura conjunta.
- Se for necessário, façam os últimos ajustes para que o texto fique completo e fiel ao conto africano lido.

Apresentação – GRIOTS POR UM DIA

Vocês conheceram a importância dos griots contadores de história, escreveu e revisou seu texto e agora estão preparados para viverem a experiência de serem **griots por um dia**. Vocês deverão:

1. Ensaiai a história para que o texto não precise ser lido (lembrem-se de que vocês já conhecem bem a história, não é necessário decorar o texto, mas sim, entendê-lo de modo que saiba RECONTAR ao público).
2. Organizem-se de modo que cada um tenha uma função no momento da apresentação: um poderá ser o apresentador e o outro o contador da história, ou, poderão dividir o texto de modo que cada um conte uma parte.
3. No momento da apresentação, vocês deverão dizer ao público o título do conto escolhido e porque escolheram essa história para recontar.
4. Prestem atenção na entonação da voz. Um griot deve contar a história de maneira pausada, de modo que o público acompanhe o enredo e compreenda tudo que é dito. Fiquem preparados para ajudar um ao outro quando for necessário se lembrar de algo.
5. Vocês poderão utilizar os recursos que preferirem para executar a contação da história, como objetos que façam som, fantoches ou roupas diferenciadas – use a criatividade.
6. Não esqueçam de interromper a narração no momento da adivinha, gerando um clima de suspense e convidando o público a tentar adivinhar qual foi a solução encontrada.
7. Só então contem o desfecho. Ao encerrar, agradeçam o público pela atenção recebida.

Avaliação

Após encerradas as apresentações, conversem com os colegas:

- Como foi a experiência de trabalhar em dupla?
- O resultado da contação de história foi positivo?
- O que você aprendeu com a atividade de produção de texto escrito e oral?
- Qual foi a reação do público ao assisti-los?

- Qual foi a sua sensação ao ser *griot* por um dia?

Professor, você deverá encaminhar as ações para a execução das propostas de produção de texto oral e escrito, a fim de que haja participação de todos. A proposta pede para que os alunos se organizem em duplas, porém, nada impede que você os organize da maneira que for necessário, como em trios. O importante é que a tarefa seja feita com a interação entre os alunos. Estimule-os a não sentirem vergonha de falar perante o público, e, se for necessário, ajude-os na apresentação e permaneça com eles à frente do público. Também é indispensável que um público de fora da turma seja convidado para assistir à apresentação. Nesse momento, sugere-se que seja uma outra turma da escola. Sugere-se que haja uma preparação do ambiente onde acontecerá a apresentação, com cartazes previamente produzidos pelos alunos, desenhos e músicas de origem africana.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2: CONTOS AFRICANOS PARA CRIANÇAS BRASILEIRAS / OUTROS CONTOS AFRICANOS PARA CRIANÇAS BRASILEIRAS

Este Continente é, ao mesmo tempo, muitos continentes. A cultura africana não é uma única, mas uma rede multicultural em contínua construção.
(Mia Couto)

PRIMEIRA ETAPA: MOTIVAÇÃO “UM CONTINENTE, MÚLTIPLAS CULTURAS”

Duração: 2 aulas.

Objetivo: Instigar os alunos a comentarem e debaterem a respeito do que aprenderam sobre a temática “África” e promover uma ampliação dos conhecimentos sobre a riqueza dos saberes contidos na oralidade africana.

Atividade 1: Constatação do conhecimento adquirido na primeira sequência de atividades e ampliação do olhar para a cultura e tradição oral do continente africano.

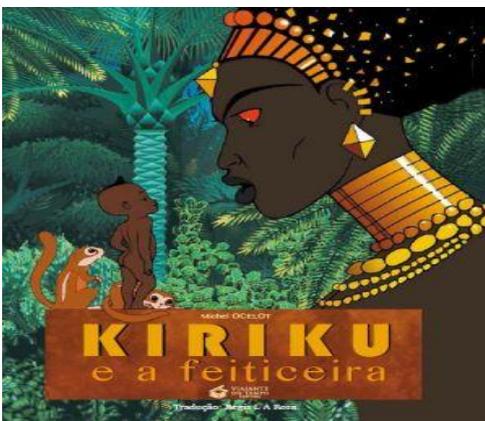
Professor, o primeiro momento da sequência básica de leitura consiste em uma preparação ao tema abordado pela obra literária, de modo que o aluno se sinta motivado a desbravar o texto que lhe será apresentado. No entanto, a temática desta segunda sequência didática dá continuidade à proposta de letramento literário iniciada com o estudo dos contos africanos de adivinhação. Os contos populares africanos que serão trabalhados neste momento apresentam elementos maravilhosos e também tiveram sua origem na oralidade. Portanto, inicie a aula com alguns questionamentos a fim de recuperar o que os alunos já sabem sobre o continente africano e a cultura popular do continente.

Sugestões de perguntas a serem realizadas oralmente:

- 1) *Nas aulas anteriores realizamos estudos sobre contos africanos de adivinhação. O que vocês aprenderam sobre a África que vocês não sabiam antes?*
- 2) *O que mais chamou a sua atenção sobre o continente africano?*
- 3) *O que há na África de parecido com o Brasil?*
- 4) *O que você aprendeu sobre os griots? Qual a importância dos griots para os africanos?*
- 5) *Quem faz o papel do griot na cultura popular brasileira?*
- 6) *As histórias contadas pelos griots contadores de histórias são todas verdadeiras ou foram criadas?*
- 7) *Com que intenção as pessoas criam histórias e como essas histórias permanecem vivas, ou seja, são recontadas por pessoas diferentes por tanto tempo?*

Atividade 2: A atividade 2 consiste em assistir ao filme *Kiriku e a feiticeira* (1998)². Tendo como cenário uma tribo localizada na África Ocidental, o filme, que conta a história de um menino minúsculo, cujo tamanho não alcança nem o joelho de um adulto, mostra, de forma clara e objetiva, um pouco da história e cultura africana.

Figura 24: Kiriku e a feiticeira



Hoje iremos conheceremos Kiriku, um menininho que viveu em um país africano chamado Senegal. Embora tão pequenino, o desafio enfrentado por Kiriku é imenso: sua missão é defender sua aldeia de uma malvada feiticeira utilizando apenas sua inteligência. Através desse filme aprenderemos um pouco mais sobre a África, suas belezas e tradições.

Fonte: <http://viajantedotempo.com/loja/kiriku-e-a-feiticeira/>.

² O filme está disponível, na íntegra, no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=duDByEwf1x0>. Acesso em: 17 de setembro de 2020.

Professor, são inúmeras as possibilidades de exploração didática através do filme “Kiriku e a feiticeira”, como, a inteligência e sabedoria da criança, representada pelo protagonista da história; o uso dos recursos naturais para a sobrevivência; o contato entre homens e animais; os aspectos físicos dos povos africanos representados no filme (o cabelo crespo, pontiagudo e uso de tranças, os narizes achatados e lábios grossos, característicos do local); a arquitetura (marcante pelas cabanas africanas) e o misticismo presentes na obra. No entanto, vale salientar dois aspectos que requerem atenção especial na execução desta atividade. A primeira delas, é a explicação que se deve dar ao apresentar a obra fílmica às crianças, acerca do porquê de os personagens serem representados em alguns momentos sem roupas e as mulheres estarem com os seios à mostra. O fato, que, por se tratarem de crianças, provavelmente ocasionará risos e curiosidade, deve ser esclarecido de que se trata de uma questão cultural. Explique aos alunos que, em tempos antigos, era comum que os povos africanos andassem sem roupas. Era algo normal, assim como também era normal que os índios que habitavam o Brasil antes da chegada dos portugueses também andassem nus. Outro aspecto a ser explorado é a presença da sabedoria do mais velho, fator já explorado nas atividades desenvolvidas na primeira sequência didática. Se achar pertinente, realize pausas na execução do filme e teça comentários sobre as falas do avô e a sua representatividade na cultura africana. O ancião figura-se como um sábio, no filme, assemelhando-se a um griot, figura essa que os alunos já terão estudado e terão repertório para analisar e comentar.

Caro aluno, agora que você já assistiu ao filme *Kiriku e a feiticeira*, responda as seguintes questões e, depois, comente com seu professor e colegas sobre as respostas.

- a) *Quem é o personagem principal do filme? Descreva-o fisicamente.*
- b) *Quais qualidades o protagonista possuía?*
- c) *Em que local se passa a história? Descreva.*
- d) *Como era as condições sociais da tribo?*
- e) *Quem era Karabá? Kiriku conseguiu descobrir por que ela era má?*
- f) *Quais eram os feitiços realizados por Karabá? Por que ela fazia isso?*
- g) *Como a natureza aparece no filme, e como as pessoas se relacionam com ela?*
- h) *No filme, a sabedoria e os ensinamentos das pessoas mais velhas são valorizados. Em que momento isso é evidenciado?*
- i) *Você considera importante seguir os ensinamentos dos mais velhos, como Kiriku seguiu? Por quê?*
- j) *Kiriku mostrou-se um grande herói para sua tribo. O que ele fez para merecer esse título?*
- k) *Você adquiriu alguma lição através desse filme? Explique.*

SEGUNDA ETAPA: INTRODUÇÃO

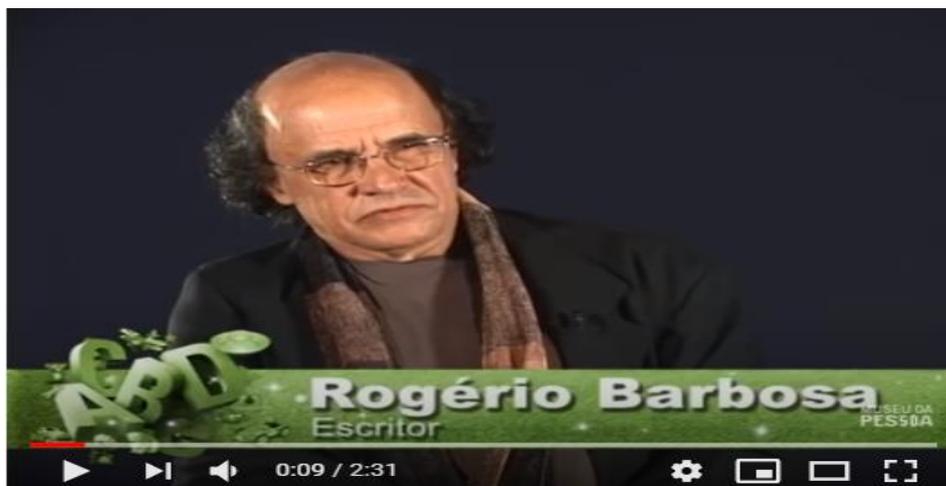
“Conhecendo as obras e ampliando os conhecimentos sobre o autor”

Duração: 1 aula.

Objetivo: Apresentar fisicamente a obra aos alunos, assim como na primeira sequência didática, chamando a atenção para os elementos paratextuais e de modo a instigar a construção de hipóteses de leitura.

Atividade 1: Apresentando o autor e a obra. A primeira atividade desta etapa da sequência básica de leitura consiste na apresentação da obra literária que será trabalhada. Embora os alunos já tenham conhecido o autor, Rogério Andrade Barbosa, na primeira sequência didática, é fundamental que os alunos aprofundem os conhecimentos sobre a relevância da escrita literária do autor, o que configura o motivo pela escolha do trabalho com seus textos. Por esse motivo, a aula será iniciada com alguns questionamentos do professor direcionados aos alunos, a fim de que eles contem o que se lembram sobre o autor estudado nas aulas anteriores. Após o momento de sondagem dos conhecimentos já adquiridos pelas crianças, será transmitido o vídeo *Rogério Andrade Barbosa*³, disponível no canal do *Museu da Pessoa*, no qual o autor descreve sua trajetória desde criança, até chegar à faculdade, tornar-se professor e partir em missão à África. É importante que os alunos reconheçam que o autor conheceu de perto a transmissão oral africana, e, como professor e escritor, transmite essas histórias lá coletadas às crianças, como alguém que tem legitimidade para isso.

Figura 25: Tela do vídeo *Rogério Andrade Barbosa*



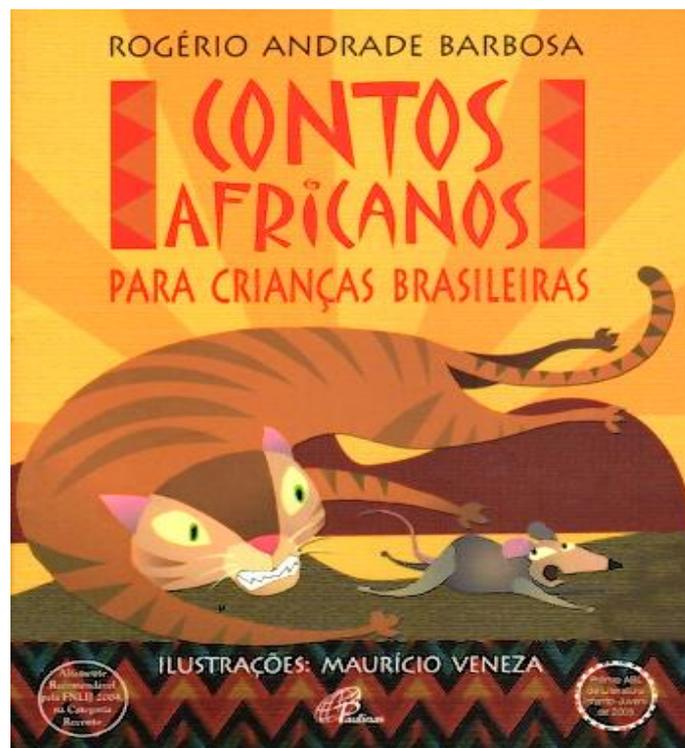
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=CUM-DHjfct0>

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CUM-DHjfct0>. Acesso em: 18 de setembro de 2020.

Atividade 2: Após a transmissão do vídeo e de tecer comentários sobre seu conteúdo, o professor apresentará as obras a serem trabalhadas. A primeira delas, *Contos africanos para crianças brasileiras*, cuja primeira edição ocorreu em 2004 e a segunda obra que dá continuidade ao projeto iniciado com a primeira, *Outros contos africanos para crianças brasileira* (2011).

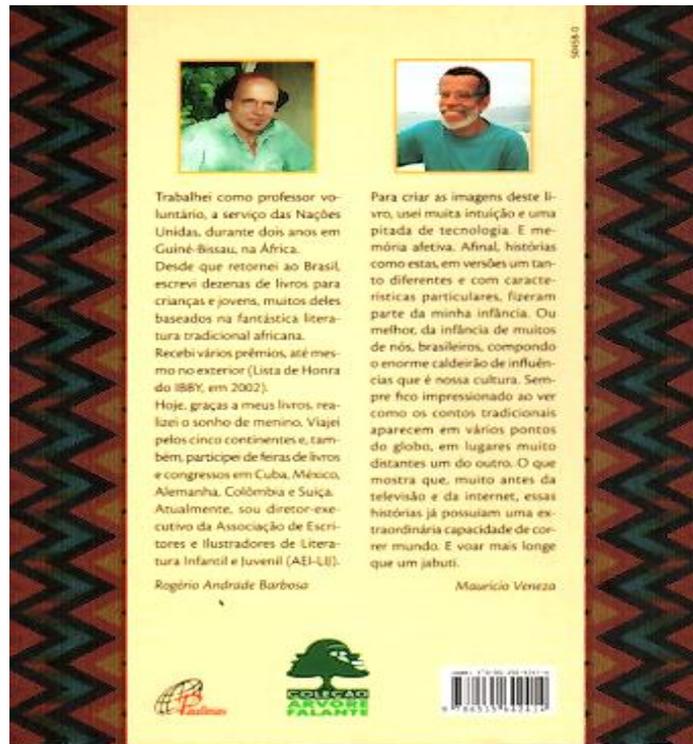
Professor, diferentemente da primeira sequência básica, o trabalho desta sequência dar-se-á em torno de duas obras literárias, cada uma composta por dois contos africanos. Para que as informações sobre a obra, como, a leitura da ficha catalográfica, contracapa e orelha, não fiquem confusas, neste momento apresente as capas dos dois livros aos alunos e desenvolva os questionamentos propostos. Em seguida, direcione o foco para os demais elementos da primeira obra a ser trabalhada – *Contos africanos para crianças brasileiras* (2016). Somente após o término das atividades sobre o primeiro livro, com o início das atividades sobre o segundo, é que serão explorados os elementos paratextuais da obra *Outros contos africanos para crianças brasileiras* (2011).

Figura 26: Capa do livro *Contos africanos para crianças brasileiras*



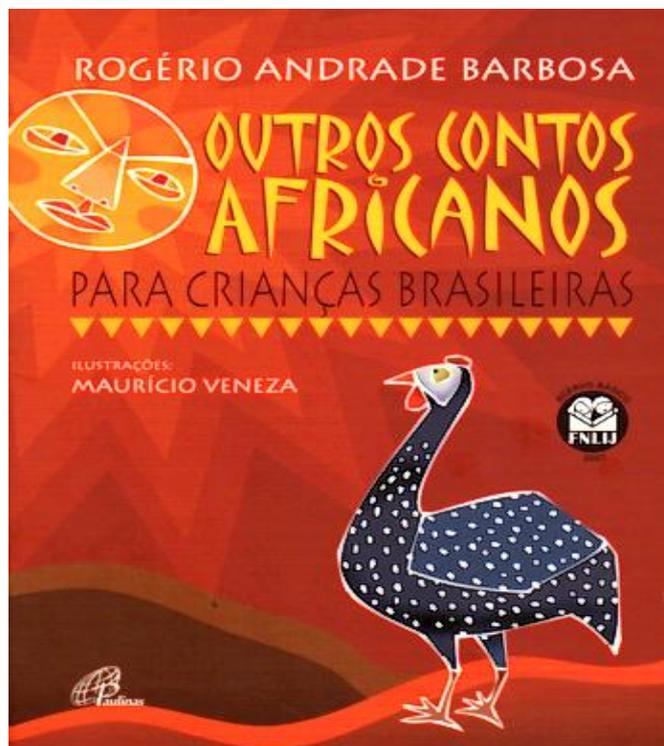
Fonte: Barbosa (2016)

Figura 27: Contracapa do livro *Contos africanos para crianças brasileiras*



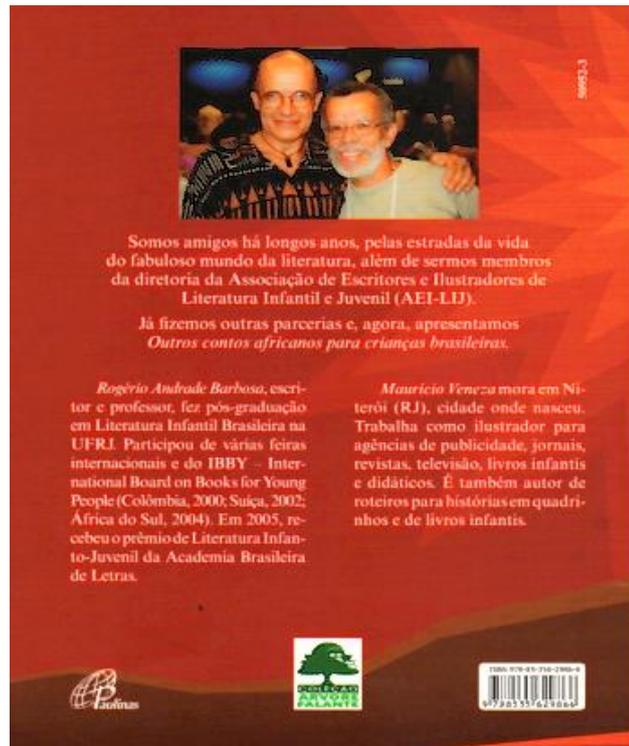
Fonte: Barbosa (2016)

Figura 28: Capa do livro *Outros contos africanos para crianças brasileiras*



Fonte: Barbosa (2011)

Figura 29: Contracapa do livro *Outros contos africanos para crianças brasileiras*



Fonte: Barbosa (2011)

Sugestões de perguntas a serem direcionadas aos alunos após a leitura da capa e contracapa dos livros?

- 1) Qual é o título do primeiro livro? E do segundo? Por que você acha que os nomes dos livros são tão parecidos?
- 2) Qual é o provável público-alvo das publicações?
- 3) O que é possível perceber nas imagens da capa do primeiro livro?
- 4) E na capa do segundo? O que muda?
- 5) Você conhece alguma história que tenha um gato e um rato como personagens?
- 6) Conhece ou já viu alguma vez o animal representado na capa do livro *Outros contos para crianças brasileiras*?
- 7) O que as capas dos dois livros têm em comum?

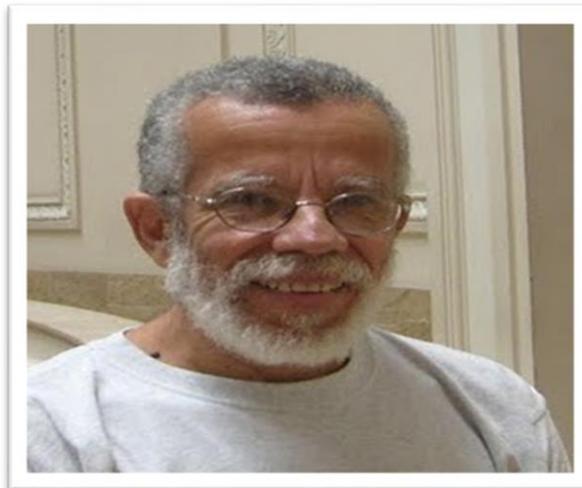
Professor, destaque aos alunos as premiações recebidas pelos livros escolhidos para a sequência didática: *Contos africanos para crianças brasileiras* recebeu o Prêmio ABL de Literatura Infanto-Juvenil de 2005 e o selo de Altamente Recomendável pela FNLIJ 2004, na Categoria Reconto. Já o livro *Outros contos africanos para crianças brasileiras* recebeu o selo de Acervo Básico da FNLIJ 2001. Ao comentar sobre as ilustrações presentes nas capas dos livros, destaque o fato de que tanto o livro trabalhado na sequência didática anterior, como os outros dois apresentados neste momento, possuem ilustrações de Maurício Veneza, importante ilustrador e também escritor brasileiro. O texto sobre o autor presente na contracapa do livro *Contos africanos para crianças brasileiras* ajudará a nortear essa explicação.

As duas obras que faremos a leitura, assim como o livro já estudado anteriormente, possuem ilustrações de Maurício Veneza.

- *Em sua opinião, qual a importância das ilustrações em um livro?*
- *Você se sente mais atraído a ler um livro quando ele possui ilustrações? Por quê?*
- *Como você imagina que um ilustrador faz as ilustrações de um livro? Que recursos ele utiliza para realizar esse trabalho?*

Leia as informações sobre o ilustrador contidas na contracapa do livro *Contos africanos para crianças brasileiras* e conheça um pouco mais sobre Maurício Veneza e seu processo de criação.

Figura 30: Maurício Veneza



Fonte: <http://aeilij.blogspot.com/2010/12/sp-pagina-do-ilustrador-mauricio-veneza.html> Acesso 18 set 2020.

Para criar as imagens deste livro, eu usei muita intuição e uma pitada de tecnologia. E memória afetiva. Afinal, histórias como estas, em versões um tanto diferentes e com características particulares, fizeram parte da minha infância. Ou melhor, da infância de muitos de nós, brasileiros, compondo o enorme caldeirão de influências que é nossa cultura. Sempre fico impressionado ao ver como os contos tradicionais aparecem em vários pontos do globo, em lugares muito distantes um do outro. O que mostra que, muito antes da televisão e da internet, essas histórias já possuíam uma extraordinária capacidade de correr o mundo. E voar mais longe que um jabuti.

Maurício Veneza – Contos africanos para crianças brasileiras (2016)

Sugestão:

Professor, caso ache pertinente trazer mais informações sobre o ilustrador à sua turma, fazendo uso da TV ou Datashow, a página web da Associação de escritores e ilustradores de Literatura Infanto Juvenil⁴ traz a trajetória de sucesso de Maurício Veneza e alguns de seus desenhos presentes em diversos livros de literatura infantil publicados no país. Explorá-lo com as crianças será uma boa oportunidade para conhecerem ainda mais sobre a relevância do trabalho do ilustrador em uma obra de literatura infantil.

TERCEIRA ETAPA: Leitura e Interpretação “Histórias africanas que explicam e encantam”

Duração: 14 aulas

Objetivo: Promover a leitura e análise dos três contos que compõem os livros *Contos africanos para crianças brasileiras* (2016) e *Outros contos africanos para crianças brasileiras* (2011) de modo que reconheçam os elementos que compõem o gênero em questão, assim como os elementos maravilhosos existentes nos textos, característicos da oralidade e folclore local no qual tiveram origem.

Atividade 1: Leitura do conto *Amigos, mas não para sempre*. Iniciar a aula fazendo a leitura da “nota do autor” que introduz o livro, na qual Barbosa (2016) explica qual a origem dos contos selecionados, contos esses reportados da literatura oral de Uganda, país africano. O professor realizará a leitura do texto de modo a atentar-se para a clareza da voz, realizando um intervalo de leitura com a finalidade de diagnosticar o entendimento dos alunos à leitura até o presente momento e sanar as eventuais dúvidas que tenham surgido ao ouvirem a história.

O primeiro momento de leitura consistirá no 1º parágrafo até o 22º, ou seja, até o momento em que o rato, descumprindo o combinado com o amigo gato vai até a igreja e come o *ghee* armazenado no pote que os dois haviam guardado. Após deliciar-se com o alimento, o rato cobre a vasilha de barro e guarda-a novamente no mesmo local.

⁴ Disponível em: <http://aeilij.blogspot.com/2010/12/sp-pagina-do-ilustrador-mauricio-veneza.html>
Acesso 18 set 2020.

Sugestões de perguntas a serem direcionadas aos alunos no momento do intervalo de leitura:

- 1) *Quem são os personagens da história?*
- 2) *Onde a história se passa?*
- 3) *O que os dois parceiros faziam habitualmente juntos?*
- 4) *Qual foi o problema encontrado pelo rato e qual a solução que ele propõe ao gato?*
- 5) *Como foi o processo de produção da manteiga ghee?*
- 6) *Quando o alimento ficou pronto surgiu um novo problema? Que problema foi esse?*
- 7) *Qual foi a solução encontrada pelos amigos para o problema?*
- 8) *Por que eles escolheram uma igreja para guardar o ghee que haviam produzido?*
- 9) *O que aconteceu depois que o gato e o rato deixaram a manteiga guardada na igreja?*
- 10) *Você achou certa a atitude do rato em comer o ghee sem avisar o amigo gato? Por quê?*
- 11) *O que você acha que acontecerá agora que o rato comeu da manteiga e devolveu o pote no mesmo lugar?*
- 12) *O rato disse ao amigo que iria a um batizado, porém, não foi. O que ele dirá ao amigo gato?*

Após o intervalo, o professor seguirá a leitura do texto até a sua conclusão. Ao término da leitura, direcionar os seguintes questionamentos aos alunos:

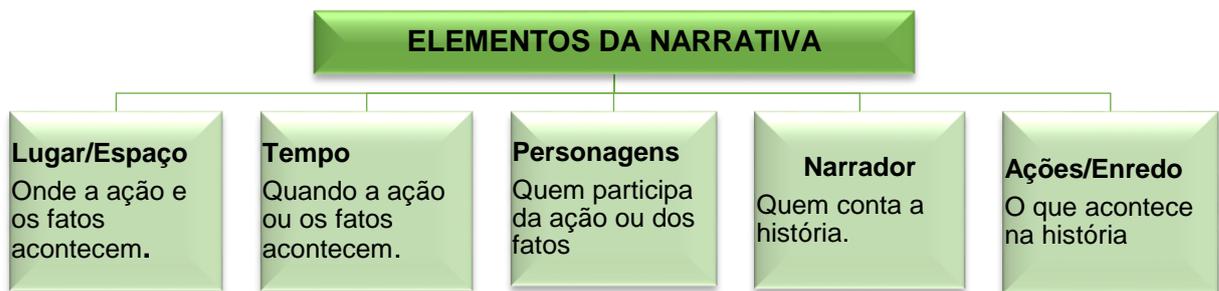
- 1) *Você percebeu que o rato não mentiu apenas uma vez ao gato, mas sim, várias vezes, dizendo que ia a batizados de família? Onde ele estava indo de verdade?*
- 2) *Quando perguntado sobre como fora a festa, o que o rato sempre dizia?*
- 3) *Quais as relações dos nomes Quase cheio, Metade, e Vazio com o pote de ghee?*
- 4) *Qual foi a reação do gato ao perceber que tinha sido enganado pelo amigo?*
- 5) *Você achou certa atitude do gato? Por quê?*

Professor, ao realizar a leitura do conto, não se esqueça de mostrar aos alunos as ilustrações contidas no livro, destacando os aspectos tipicamente africanos apresentados: o pote de barro, as paisagens naturais, os animais em meio às pessoas, as pessoas negras ilustradas e suas roupas coloridas. Ressalte, também, que assim como os europeus portugueses colonizaram o Brasil, exploraram nossas riquezas e impuseram aqui sua cultura, o continente africano também foi colonizado por países europeus. Por isso a presença de uma igreja em meio ao povoado representado no livro.

Atividade 2: Identificação dos elementos da narrativa no conto.

Caro aluno, chamamos de **narrativa** todo texto que relata acontecimentos reais ou imaginários, organizados numa sequência temporal. Na narrativa, um acontecimento ou fato causa um efeito, que dá origem a outro fato e assim por diante.

Conforme já aprendemos, o gênero literário **conto** é uma narrativa curta que apresenta os seguintes elementos: **narrador, personagens, enredo, espaço e tempo**. Vamos recordar as características de cada um destes elementos.



Quanto ao narrador do conto, ele pode ser:

NARRADOR-PERSONAGEM: Normalmente é o protagonista da história e narra os fatos em 1ª pessoa .	NARRADOR-OBSERVADOR: Narra os acontecimentos em 3ª pessoa , como alguém que está observando tudo que acontece
--	--

Agora que você já relembrou os elementos da narrativa que constituem o gênero conto, faça a releitura atenta do conto “Amigos, mas não para sempre” e identifique nele os seus elementos.

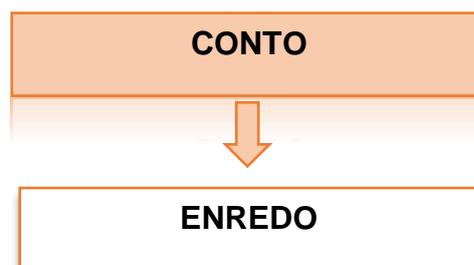
ELEMENTOS DA NARRATIVA – CONTO “AMIGOS, MAS NÃO PARA SEMPRE” (ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA)	
LUGAR/ESPAÇO	

TEMPO	
PERSONAGENS	
NARRADOR	
ENREDO	

Professor, relembre com os alunos cada um dos elementos que constituem a narrativa e atente-se em diferenciar o foco narrativo em 1ª e 3ª pessoa. Para esta atividade será indispensável que o aluno tenha o texto em mãos e releia-o antes de iniciar a atividade de preenchimento do quadro.

ATIVIDADE 3: Linguagem e construção do texto: organização do enredo. O professor retomará os conceitos acerca da organização do enredo em uma narrativa, apresentando o seguinte esquema aos alunos:

Quadro: Organização do enredo na narrativa





Fonte: A autora.

Agora, complete o quadro apresentado pelo seu professor, copiando do frases do texto que podem marcar **o início da complicação ou conflito e o clímax**.

SITUAÇÃO INICIAL	COMPLICAÇÃO OU CONFLITO	CLÍMAX	DESFECHO
<p>“Em Uganda, no coração da África, os contadores de histórias dizem que, antigamente, o gato e o rato viviam juntos e eram muito amigos. Os dois parceiros plantavam, colhiam e, depois, armazenavam os produtos de seu trabalho em pequenos celeiros de barro cobertos de palhas”</p>			<p>“Desde esse dia, o gato vive à procura do rato. Mas o roedor, assim que escuta o miado do implacável perseguidor, foge correndo para sua toca.”</p>

ATIVIDADE 4: Ampliando os saberes. Alimentos de origem africana. O conto “Amigos, mas não para sempre”, desenvolve-se em torno de um alimento de origem africana. Trata-se da manteiga *ghee*, bastante utilizada não só em alguns países da África, mas também bastante popular na alimentação indiana e árabe. A fim de que os alunos compreendam o processo de fabricação do alimento mencionado no texto, assim como a sua utilização em diferentes países, apresentar à turma o texto seguinte.

Posteriormente, propor uma pesquisa sobre outros alimentos ou pratos que tiveram origem africana e são populares na cozinha brasileira.

GHEE – UMA MANTEIGA COM MUITOS BENEFÍCIOS

Figura 31: Manteiga *ghee*



Fonte: <https://nutritotal.com.br/pro/devemos-substituir-a-manteiga-e-margarina-pelo-ghee-manteiga-clarificada/>

Ghee ou manteiga clarificada é um produto derivado do leite muito utilizado na Índia e em alguns países da África e do Oriente Médio, desde meados de 1500 a. C.. É obtido do leite, creme ou manteiga de vaca, búfala, cabra ou outros animais por meio de processos de alta temperatura que resultam na remoção quase total de umidade e proteínas sólidas do leite, conferindo ao produto uma estrutura física bastante particular.

Possui sabor característico que é atribuído a degradação de minerais, proteínas e lactose, sendo que a redução da lactose faz com que seu consumo seja bastante indicado para os intolerantes a esse carboidrato. Em sua composição encontramos 99% de gordura, das quais, aproximadamente, 60% correspondem à gordura saturada. Também fazem parte da composição: triglicerídeos, pequena quantidade de colesterol, ácidos graxos poli-insaturados (ômega-6, ômega-9 e ácido graxo conjugado – CLA) e vitaminas lipossolúveis, como vitaminas A e E.

Em seus países de origem, o *ghee* é utilizado como ingrediente culinário, como agente terapêutico dentro da medicina Ayurveda ou até em rituais religiosos. No Brasil, o *ghee* é utilizado cada vez mais como ingrediente de “dietas naturais”, como um substituto para a manteiga e margarina.

Disponível em: <https://nutritotal.com.br/pro/devemos-substituir-a-manteiga-e-margarina-pelo-ghee-manteiga-clarificada/> Acesso em: 21 set 2020. (Adaptado)

Caro aluno, embora a manteiga *ghee* seja utilizada em nosso país, ela é pouco conhecida, não sendo tão popular quanto outros alimentos de nossa culinária que tiveram origem através dos africanos trazidos para o Brasil nos séculos passados. São as chamadas comidas **afro-brasileiras**. Leia o próximo texto e entenda melhor como as comidas afro-brasileiras foram criadas e tornaram-se símbolo da cultura de nosso país.

A HISTÓRIA DAS COMIDAS DE ORIGEM AFRICANA NO BRASIL

[...]

O Brasil recebeu influências de muitos lugares africanos. Vieram da África o café, a banana, o coco, o gengibre, o quiabo, o amendoim, o azeite-de-dendê, a pimenta malagueta, o jiló, o inhame, entre muitos outros itens, sempre trazidos pelos mercadores de escravos.

Já os negros, que vinham escravizados, geralmente não traziam nenhum ingrediente típico, pois eram aprisionados e viajavam em péssimas condições. A solução era improvisar e buscar substituições.

Com sua imensa bagagem cultural, logo criaram uma forma própria de preparar os pratos, reinventando e transformando a arte de cozinhar, que funcionava como um vínculo com a ancestralidade e a reconstrução da identidade.

A escravidão também explica muito sobre a forma como a **cozinha africana** se desenvolveu no Brasil. Eram as mulheres negras que ficavam responsáveis por cozinhar para os senhores. No entanto, não podiam usar os ingredientes da “casa grande” na própria alimentação.

Assim, na hora de comer se viam obrigadas a adaptar receitas usando os restos, que eram destinados a eles. Por isso há vários pratos com base em caldos e misturas com farinhas, pois era algo barato e fácil de fazer.

Além disso, muitos desses pratos podem ser considerados um marco do sincretismo religioso afro-brasileiro, pois foram criados primeiro como oferendas nos terreiros, já que no candomblé as comidas são feitas para serem ofertadas aos santos nos rituais.

Só mais tarde algumas dessas comidas de origem africanas começaram a ser comercializadas, como uma forma de gerar renda e se popularizaram.

A mistura de tudo isso com as tradições indígenas e também europeias, principalmente portuguesas, foi que deu origem a diversos pratos da **culinária afro-brasileira**.

[...]

Por todo o contexto histórico, social e religioso, as comidas de origem africana são cheias de significado e traduzem um pouco da cultura e das tradições de seu povo.

Figura 32: Feijoada



Fonte: <https://www.fuiserviajante.com/gastronomia/comidas-de-origem-africana/>

Disponível em: <https://www.fuiserviajante.com/gastronomia/comidas-de-origem-africana/>
Acesso em: 21 set de 2020. (Adaptado)

No texto anterior você viu que a culinária afro-brasileira faz parte da cultura e identidade de nosso país. Como tarefa de casa, você deverá pesquisar algum prato da culinária afro-brasileira e produzir um cartaz sobre ele. Descreva a receita, seus ingredientes, modo de preparo. Escreva também a região do Brasil onde ele é consumido e as curiosidades sobre a receita que encontrar. Não se esqueça da letra legível e de colocar imagens para ilustrar. Os cartazes ficarão expostos no pátio da escola para que as outras turmas conheçam um pouco da culinária afro-brasileira por meio das pesquisas desenvolvidas pela turma.

Professor, é interessante que antes que os cartazes sejam expostos no pátio ou corredores da escola, você promova um momento de apresentação das pesquisas, para que cada aluno compartilhe com o restante da turma o que aprendeu. Você poderá também promover um momento de degustação de algum prato da culinária afro-brasileira. Cocada, mungunzá (canjica) e pamonha são algumas sugestões de comidas que podem ser degustadas. As crianças certamente adorarão saborear um pouquinho dessas delícias!

ATIVIDADE 5: Leitura do conto “O jabuti de asas”. Entregar cópias aos alunos do conto e solicitar que realizem primeiramente a leitura individual do texto, reconhecendo-o e grifando as palavras que desconhecem. Após a leitura individual, realizar uma leitura compartilhada (um parágrafo por aluno ou escolher aqueles que se sentem à vontade para realizar leitura em voz alta). Durante a leitura em voz alta o professor fará as devidas intervenções, questionando os alunos sobre o entendimento do desenrolar da história e repetindo a leitura do que for necessário. Após a conclusão da leitura, direcionar os seguintes exercícios aos alunos, a serem respondidos por escrito:

- 1) Procure no dicionário o significado das palavras desconhecidas grifadas no texto e anote. Depois de pesquisar e anotar, releia o conto e responda o próximo exercício.
- 2) Responda:
 - a) Quem são os personagens do texto?
 - b) É possível saber o local exato de onde se passa a história e onde os fatos ocorreram? Justifique sua resposta.
 - c) Qual foi problema encontrado pelo jabuti? Por que os pássaros resolveram ajudá-lo?
 - d) Em sua opinião, qual foi a intenção do jabuti ao dizer que usaria na festa o nome “Para Todos”?
 - e) Por que você acha que na hora de partir as aves decidiram arrancar do jabuti as penas que lhe haviam emprestado?
 - f) Sem as plumas para voar de volta para casa, o jabuti fez um pedido aos pássaros. Qual foi?

- g) Os pássaros atenderam ao pedido do jabuti? Qual foi o desfecho da história? Explique.
- h) Esse conto, assim como outros contos africanos já lidos por você, foi reportado da literatura oral africana, ou seja, é uma história contada há muitos anos e que foi recontada pelas palavras de Rogério Andrade Barbosa em seu livro. Em sua opinião, o que os antigos africanos pretendiam ao contar uma história cujo enredo explica a origem do casco rachado do jabuti?
- 3) Você já ouviu alguma história parecida com esse conto, porém com um título diferente? Leia agora o conto “A festa no céu”, escrito pelo escritor brasileiro Luís da Câmara Cascudo. Após a leitura, identifique as semelhanças e diferenças com o conto “O jabuti de asas”.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE OS CONTOS “O JABUTI DE ASAS”, DE ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA E “A FESTA NO CÉU”, DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO.

SEMELHANÇAS	
DIFERENÇAS	

ATIVIDADE 6: Ampliando os saberes. Leia o texto a seguir e conheça um pouco mais sobre a espécie do protagonista do conto “O jabuti de asas”. Há outras espécies muito parecidas com a do jabuti, o que acaba, às vezes, gerando confusão na hora de distingui-las. Após a leitura, discuta com seus colegas: vocês já conheciam essas diferenças?

Qual é a diferença entre tartaruga, jabuti e cágado?

São diferenças que se manifestam principalmente no hábitat – aquático ou terrestre – e em características morfológicas (relacionadas ao formato do corpo) presentes nos cascos, nas patas e nos pescoços... [...]

Tartaruga

[...] As tartarugas podem ser tanto marinhas como de água doce. Elas têm o casco mais alto que o dos cágados. Outra diferença importante é que as tartarugas não dobram o pescoço para o lado ao recolhê-lo para dentro do casco, como fazem os cágados.

Jabuti

Água não é com ele. O jabuti é o único entre esses três tipos de **quelônio** que vive exclusivamente na terra. Ele também pode ser facilmente identificado pelo casco alto e pelas patas traseiras em formato cilíndrico, que lembram as de um elefante.

Cágado

Distingue-se do jabuti por ser um quelônio de água doce e não terrestre. Já as diferenças em relação às tartarugas são sutis. Os cágados possuem casco mais achatado e têm o pescoço mais longo.

Site da revista **Superinteressante**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-e-a-diferenca-entre-tartaruga-jabuti-e-cagado/>. Acesso em: 28 set. 2020.

Quelônio: espécie réptil que possui o corpo dentro de uma caixa óssea (casco ou carapaça).

TARTARUGA

Figura 33: Tartaruga



Fonte: <https://www.diferenca.com/tartaruga-cagado-e-jabuti/>

JABUTI

Figura 34: Jabuti



Fonte: <https://www.diferenca.com/tartaruga-cagado-e-jabuti/>

CÁGADO

Figura 35: Cágado



Fonte: <https://www.icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/30-fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7416-repteis-mesoclemmys-tuberculata-cagado-do-nordeste>

ATIVIDADE 7: Produção de reconto. Identificação do elemento maravilhoso nos contos populares africanos e reescrita de um conto.

Caro aluno, os contos presentes no livro *Contos africanos para crianças brasileiras*, assim como muitas outras histórias reportadas da literatura oral africana, têm como característica a presença de um elemento chamado “maravilhoso”. Você percebeu que o fato de os personagens serem animais e apresentarem características humanas (ou seja, eles conversam, pensam, gesticulam...) não afetou o entendimento da história e nem mesmo causou estranhamento em você? Isso acontece porque o maravilhoso, assim como na cultura popular africana, também está intrínseco na nossa cultura, e o hábito de contar histórias para justificar coisas e fenômenos da natureza – como a briga entre o gato e o rato e o motivo pelo qual o jabuti possui o casco rachado – é algo comum na literatura popular.

Dessa maneira, agora que você já conheceu dois contos populares africanos, entendeu o porquê da presença dos animais em ambos os textos e viu também que essas histórias são recontadas em várias culturas com o objetivo de tentar explicar algumas características dos animais, **produza a sua versão para uma das histórias**. Você poderá manter os mesmos personagens e dar um desfecho diferente à história escolhida ou manter as características do enredo fazendo uso de outros personagens. Use a criatividade. Mãos à obra!

Professor, ao expor aos alunos a proposta de produção textual, retome oralmente e com anotações na lousa os conceitos estudados sobre a construção do gênero conto: os elementos da narrativa e a organização do enredo. Após a escrita e correção dos textos, convide-os a lerem a produção para a turma e instigue-os a dizerem os motivos pelos quais escolheram um dos contos para recontar.

ATIVIDADE 8: Leitura do conto “Por que a galinha-d’angola tem pintas brancas?”

Professor, antes de iniciar a leitura do penúltimo conto a ser estudado, que é o primeiro da obra *Outros contos africanos para crianças brasileiras* (BARBOSA, 2011), inicie a aula mostrando novamente a capa do livro aos alunos. Se possível, projete a ficha catalográfica da obra, explicando o significado dos dados ali contidos. Reforce algumas informações que os alunos já sabem, como, quem é o autor, seu nome, o que ele faz e as características dos contos africanos estudados. Leia também a nota do autor que introduz o livro.

O professor conduzirá a leitura do conto em voz alta, mostrando as imagens do livro aos alunos. O primeiro momento da leitura será do 1º ao 5º parágrafo. Embora o intervalo de leitura esteja programado para o 5º parágrafo, o professor poderá interromper a leitura a qualquer momento, esclarecendo o significado de palavras desconhecidas pelos alunos e tecendo comentários explicativos sobre o que está sendo contado.

Sugestões de perguntas para o intervalo de leitura:

- 1) *Onde se passa a história?*
- 2) *O que são as savanas, mencionadas no conto?*
- 3) *Os habitantes do vilarejo passavam por um momento difícil. Por quê?*
- 4) *O que a galinha-d’angola fez diante da situação?*
- 5) *O que você acha que acontecerá agora? Ela alcançará a nuvem? A nuvem atenderá ao seu pedido?*

Após a pausa e questionamentos orais sobre o conto, o professor retomará a leitura e a concluirá. Deve-se chamar a atenção dos alunos para as primeiras ilustrações do texto, as quais mostram a galinha-d'angola com o corpo todo preto, sem as pintas brancas. No fim do conto, eles descobrirão que as pintas foram um presente recebido pela Dona das Águas, pelo seu respeito, perseverança e preocupação com todas as criaturas.

ATIVIDADE 9: Interpretação do conto.

Atividades a serem desenvolvidas em folha separada ou caderno do aluno.

- 1) Quem são os personagens do conto "Por que a galinha-d'angola tem pintas brancas?"
- 2) Onde se passa a história?
- 3) Em sua opinião, por que a personagem da nuvem, diferente dos outros personagens do conto, é chamada por um nome próprio, Dona das Águas?
- 4) Como era a galinha-d'angola antes de se encontrar com a Dona das Águas?
- 5) O que acontecia naquele tempo que levou a galinha a correr atrás da nuvem?
- 6) Como eram as ilustrações do livro na época da grande seca? Com a chuva, como as ilustrações ficaram?
- 7) Releia a trecho inicial do conto e pesquise no dicionário os significados das palavras destacadas.

Os mais antigos contam que esta história aconteceu durante uma das piores secas ocorridas nas **savanas** ao Sul da África.

O sol, **inclemente**, castigava todos os seres vivos: plantas e animais.

Logo os rios e lagos secaram, aumentando o sofrimento. O calor abria **fendas** no solo e levantava uma **espessa** poeira que borrava de cinza o céu borrado de azul.

Os habitantes dos vilarejos, desorientados, fugiram para as montanhas, rogando por chuvas, mas não havia prece que desse jeito na **calamidade**.

- 8) Por que após dirigir-se à Dona das águas, a galinha-d'angola ficou com o corpo cheio de pintas brancas?
- 9) Segundo o conto, por que o canto da galinha-d'angola se parece com a fala "Tô fraca, tô fraca...?"
- 10) Assista ao vídeo que seu professor irá passar e responda: você concorda que o canto da galinha-d'angola parece dizer "Tô fraca"?

Professor, para desenvolvimento da questão 10, passe aos alunos o vídeo disponível no seguinte endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=Jnw4RQVwbBc>. Nele, as

crianças poderão conhecer o canto da galinha-d'angola, retratada no conto, e também vê-la como é de verdade, na natureza.

ATIVIDADE 10: Conhecendo outro texto literário com a mesma temática do conto. O poeta brasileiro Vinícius de Moraes e o compositor Toquinho escreveram uma canção que trata do canto da galinha-d'angola. Leia a letra da música e escute-a⁵. Depois, faça uma ilustração da galinha-d'angola e compartilhe sua representação aos colegas.

A GALINHA-D'ANGOLA

Vinicius de Moraes, Toquinho

Coitada, coitadinha
Da galinha-d'Angola
Não anda ultimamente
Regulando da bola

Ela vende confusão
E compra briga
Gosta muito de fofoca
E adora intriga
Fala tanto
Que parece que engoliu uma matraca
E vive reclamando
Que está fraca

Tou fraca! Tou fraca!
Tou fraca! Tou fraca! Tou fraca!

Coitada, coitadinha
Da galinha-d'Angola
Não anda ultimamente
Regulando da bola

Come tanto
Até ter dor de barriga
Ela é uma bagunceira
De uma figa
Quando choca, cocoroca
Come milho e come caca
E vive reclamando
Que está fraca
Tou fraca! Tou fraca! Tou fraca!

⁵ Há no Youtube várias versões, de diferentes artistas, de interpretações da canção de Vinicius de Moraes e Toquinho, que poderão ser utilizadas nesse momento da aula. Sugere-se a versão do artista Marcello Gonçalves, presente no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=APuSbTqKTpU>. Acesso em: 28 set 2020.

Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/musica/cancoes/galinha-dangola>. Acesso: 28 set 2020.

ATIVIDADE 11: Os países lusófonos. Você sabia que em Angola, país de origem da galinha-d'angola, também se fala português, assim como nós, aqui no Brasil e, por isso, são chamados de lusófonos? Isso acontece porque tanto Angola como Brasil foram colonizados pelos portugueses, vindo daí, o nosso idioma oficial. Leia o seguinte texto e descubra quais são os outros países lusófonos.

Países que falam português

Ao todo são **nove países que têm como idioma oficial o português**, segundo a Comunidade dos Países da Língua Portuguesa. A língua é também falada por uma parte da população em outros territórios, como em Macau, na China; Damão e Diu (território da União da Índia); Goa, na Índia; Malaca, na Malásia; Ilha das Flores, da Indonésia; Batticaloa, no Sri Lanka; e nas Ilhas ABC, no Caribe. Em alguns países da América do Sul, como Uruguai, Venezuela, Paraguai e Guiana, há comunidades que falam o português, contudo não é idioma oficial.

São países que possuem o português como língua oficial:

País	Continente	População
Angola	África	29.310.273 habitantes
Brasil	América	208.494.900 habitantes
Cabo Verde	África	560.999 habitantes
Guiné-Bissau	África	1.792.338 habitantes
Guiné-Equatorial	África	1.221.490 habitantes
Moçambique	África	27.909.798 habitantes
Portugal	Europa	10.374.822 habitantes
São Tomé e Príncipe	África	204.454 habitantes
Timor-Leste	Ásia	1.291.358 habitantes

Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/paises-que-falam-portugues.htm>

Acesso em: 28 set 2020.

Agora, veja no mapa a localização dos países lusófonos.

Figura 36: Mapa países lusófonos



Fonte: <https://aventure-se.com/2018/07/02/paises-que-falam-portugues/> Acesso: 28 set 2020.

Caro aluno, agora que você já conhece quais são os países que falam português, que tal descobrir um pouco mais sobre Angola? Faça uma pesquisa, com a ajuda de seus familiares, de informações sobre Angola. Pesquise sobre as tradições do povo angolano, as celebridades do país, ritmos musicais, comidas típicas... enfim, o que achar de interessante. Copie no caderno e compartilhe as informações na próxima aula com os colegas e professor.

ATIVIDADE 12: Leitura do conto “Por que o porco tem o focinho curto?”

Professor, entregue aos alunos cópias do conto “Por que o porco tem o focinho curto?” Deixe que eles façam uma leitura atenta, silenciosa. Diga a eles que poderão chamá-lo na carteira e perguntar sobre o que não entenderem. Diga também para que leiam e releiam o quanto for necessário para que compreendam bem. Após todos os alunos concluírem a leitura, pergunte à turma o que eles entenderam sobre o texto. Convide os alunos que se dispuserem a falar que se dirijam à frente da turma para contarem suas impressões sobre o texto. Dê voz aos alunos e só depois faça a sua leitura em voz alta, usando o livro, mostrando as imagens e comentando sobre elas durante a contação.

ATIVIDADE 13: Interpretando a história.

Atividades de compreensão textual a serem realizadas em folha separada ou no caderno.

- 1) A frase inicial do texto diz que a história se passou “num tempo anterior a tudo”. O que isso quer dizer?
- 2) Segundo o texto, quais eram as características físicas do porco em tempos antigos?
- 3) Quais eram as atividades desenvolvidas pelo porco em tempos antigos?
- 4) Diferente de outros animais, por que o porco não sofria com as secas que afetavam a região?
- 5) Quais eram as características do chacal?
- 6) O que o chacal fez para enganar o porco?
- 7) O porco caiu no golpe do chacal? Qual foi a consequência disso?
- 8) Localize no conto o provérbio africano proferido pelo porco, e, explique, com suas palavras, seu significado.
- 9) Devido ao golpe do chacal, o porco perdeu sua tromba e, por isso, tem o focinho curto. No entanto, quais são as características dessa espécie, hoje em dia, segundo o conto? E as características do chacal?
- 10) Com a ajuda do seu professor, complete a tabela com a organização do enredo do conto lido.

SITUAÇÃO INICIAL	
COMPLICAÇÃO/CONFLITO	
CLÍMAX	
DESFECHO	

ATIVIDADE 14: Ampliando os saberes sobre o chacal, animal típico das savanas africanas. Leia o seguinte texto com atenção e conheça um pouco mais sobre as características do chacal, animal personagem do conto africano lido. Depois de ler, copie em seu caderno as informações que achar mais importantes.

CHACAL

O chacal é um animal parecido com a raposa e da mesma família do cão. À noite, os chacais uivam para se comunicar entre si. O uivo pode ser bastante incômodo para as pessoas, pois o som lembra um grito alto ou uma sirene.

Existem três espécies, ou tipos, de chacal. O chacal-dourado vive do leste da Europa e do norte da África até o sul da Ásia. O chacal-de-dorso-preto e o chacal-listrado vivem no sul e no leste da África. Os chacais vivem em espaços abertos, como as savanas.

O chacal adulto tem cerca de 1 metro de comprimento, incluindo o rabo, e pesa entre 7 e 11 quilos. A cor do pelo depende da espécie. A do chacal-dourado vai do amarelo ao dourado-claro. O chacal-de-dorso-preto é vermelho-ferrugem. O chacal-listrado é acinzentado, com a ponta do rabo branca e uma listra em cada lado do corpo.

Os chacais vivem sozinhos, em pares ou em grupos chamados matilhas. Eles se escondem durante o dia e saem para caçar quando escurece, comendo pequenos animais e plantas. Quando caçam em matilhas, porém, podem pegar animais tão grandes quanto uma ovelha ou um antílope. Também seguem os leões que estão caçando. Depois que os leões terminam de comer e vão embora, os chacais entram em cena e comem as sobras que ficaram.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Chacal-dourado>. Acesso em: 28 set 2020.

Figura 43: Chacal dourado.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Chacal-dourado>.

QUARTA ETAPA: Produção textual
“Recontando um conto africano”

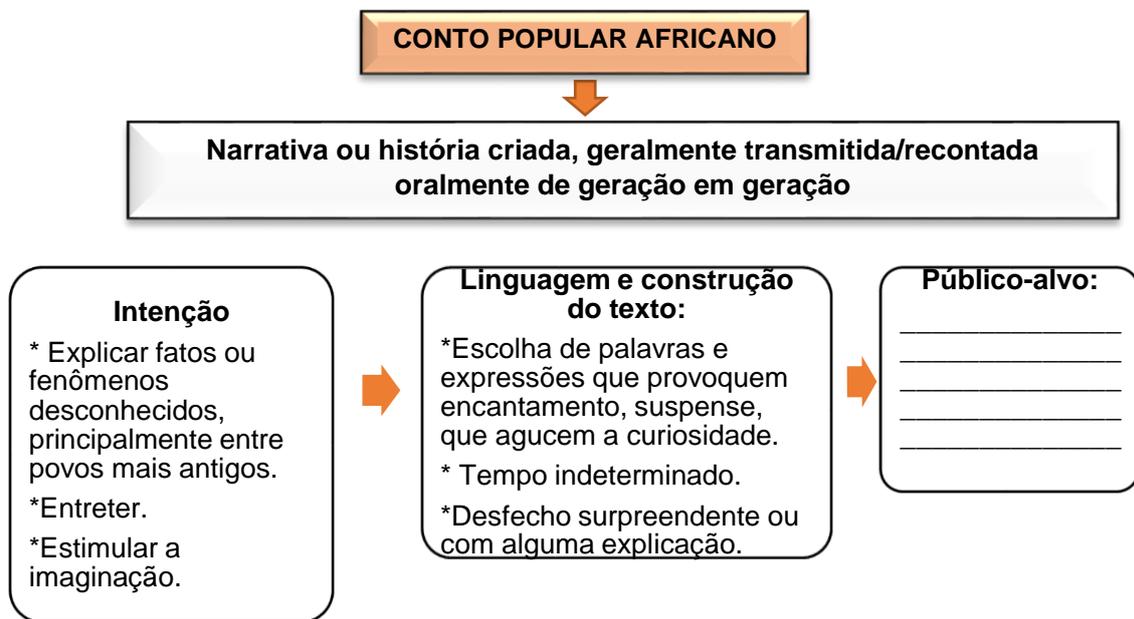
Duração: 2 aulas:

Objetivo: Revisar as características do gênero estudado e promover a produção de um reconto popular africano.

ATIVIDADE 1: Produção textual.

Caro aluno, chegamos ao final de mais uma sequência didática, e, para mostrar que você realmente aprendeu as características do conto popular africano, você produzirá um reconto escrito. Você já sabe que é comum na cultura africana, assim como em outras culturas, criar histórias para justificar as características de animais da natureza – como o porquê de a galinha-d’angola ter pintas brancas ou o porquê de o porco ter o focinho curto. Agora será a sua vez de recontar uma dessas histórias lidas ou criar uma história diferente, que explique o porquê de alguma característica animal. Além dos contos já lidos, você poderá pesquisar outras histórias do mesmo tipo para servirem de fonte de inspiração. Vamos lá? Antes, vamos organizar o que aprendemos até aqui. Com a ajuda de seu professor, complete o esquema sobre o conto popular africano.

Quadro: Esquema – sistematização do conto popular



Fonte: Trinconi, Bertin e Marchezi (2017), p. 214 – Adaptado.

Agora, em duplas, pesquisem e escolham uma história para contar ou recontar. Escrevam juntos um rascunho da história, prestando atenção na identificação das partes principais do conto:

- Situação inicial;
- Complicação/conflito;
- Clímax;
- Desfecho.

Após escreverem a primeira versão, mostre-a ao seu professor e veja o que é necessário aprimorar. Só então escrevam a versão final. Não esqueçam de colocar um título atraente e de produzir uma bela ilustração para o conto de vocês. Os contos produzidos irão compor o livro de recontos africanos da turma do 4º ano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada é mais que um conhecimento a ser reelaborada, ela é a incorporação do outros em mim sem renúncia da minha própria identidade (COSSON, 2016, p.17).

De modo geral, esta proposta de intervenção didática teve como objetivo promover a leitura e análise de contos e recontos de origem africana para formação de leitores literários nas séries iniciais do Ensino Fundamental I. Parte integrante do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, a dissertação da qual se originou este estudo está em consonância com as leis Nº 10.639/03 e Nº 11.645/2008, que determinam a obrigatoriedade do ensino da “História e cultura afro-brasileira e indígena” na Educação Básica. Os alunos, que dessa proposta de ensino fizerem uso, terão acesso à leitura de relevantes textos da literatura infantil. Textos esses carregados de valores, sentidos e saberes e que permitem à criança descobrir diferentes informações sobre as tradições e saberes populares da cultura do continente africano.

A pesquisa da qual originou-se as sequências didáticas aqui apresentadas comprova que, embora documentos oficiais, em especial, a *Base Nacional Comum Curricular*, não apontem a literatura como uma disciplina obrigatória no ensino fundamental, é papel do professor de Língua Portuguesa promover o trabalho com tais textos em sala de aula. Isso feito de maneira sistematizada, valendo-se de narrativas como ferramenta de apreciação à escrita literária, mas também como instrumento para diferentes práticas educativas no âmbito escolar. Tais práticas, portanto, perpassam as aulas de LP, já que há uma preocupação maior, entre os professores do Ensino Fundamental I, em desenvolver estratégias de ensino que envolvam diferentes saberes, uma vez que os mesmos, na maioria das vezes, atuam como professores polivalentes, ou seja, lecionam mais de uma disciplina obrigatória na educação básica, como Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências. Daí a ideia pelo trabalho com os contos africanos no primeiro ciclo do Ensino Fundamental.

Os textos escolhidos para a proposta de intervenção pedagógica, todos de origem africana, foram colhidos e recontados pelo escritor Rogério Andrade Barbosa. Com uma vasta e reconhecida produção literária com a temática afro-brasileira e africana, Barbosa transpõe por meio dos seus textos aquilo que de fato vivenciou e coletou por meio da oralidade africana, enquanto trabalhou como professor voluntário das Nações Unidas em Guiné-Bissau, na década de 80.

Para elaboração das sequências didáticas foram selecionadas três obras de Rogério Andrade Barbosa. Na primeira delas, *Três contos africanos de adivinhação* (Barbosa, 2011), o autor faz uma releitura de histórias reportadas da oralidade. Os contos, de origem nigeriana, levam o leitor a pensar sobre os acontecimentos das narrativas e as soluções encontradas para resolver as situações que foram descritas. Em todos eles destaca-se, nitidamente, a presença do número três, símbolo da perfeição desde tempos mais remotos.

A obra *Contos africanos para crianças brasileiras*, de Barbosa, (2008) apresenta dois recontos. Ambos têm como cenário Uganda, “país de belezas naturais estonteantes, repleto de montanhas, lagos, rios, florestas e terras férteis”. (BARBOSA, 2019, p. 3). A primeira história relata a versão africana para um dilema universal, presente em diversas histórias e desenhos animados ao longo dos tempos, isto é, a briga eterna entre gato e rato. Ao invés do tão conhecido queijo, como frequentemente é tido, o “pomo da discórdia” (como cita o autor na nota introdutória), o motivo da desavença é uma espécie de manteiga conhecida como *ghee*. Já, na segunda narrativa, o autor reporta os leitores brasileiros à outra versão da história bastante conhecida como “Festa no céu”, na tentativa de explicar o porquê de os jabutis terem asas.

O terceiro livro utilizado para elaboração da proposta intervenção didática, *Outros contos africanos para crianças brasileiras*, pertence ao Acervo Básico da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ – 2007) e, também, remete da oralidade africana outros dois contos, originários do sul da África. O primeiro, explica o porquê de as galinhas d’angola terem pintas brancas e a relação das pintas com a seca; o segundo, o porquê de o porco ter o focinho curto. Assim como as obras citadas anteriormente, o livro possui ilustrações de Maurício Veneza. As histórias, além de divertir, possuem a “função primordial de educar. Seja para respeitar os mais velhos, seguir costumes tradicionais ou para enfatizar a força da inteligência, entre outros valores e ensinamentos”. (BARBOSA, 2011, p. 3).

Para sistematização do ensino de literatura, consideramos importante expor e utilizar os conceitos de prática de leitura subjetiva nas perspectivas de Jouve (2013), Langer (2005) e Rouxel (2013). Em nossa prática docente, constatamos que o modo como os textos literários são, muitas vezes, trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura limita-se a uma leitura rasa. Isso porque o professor requer a leitura do aluno para buscar unicamente respostas pré-programadas e sem um objetivo amplo definido, o que limita o sujeito a enxergar os sentidos do texto em um circuito fechado, impossibilitando-o de levantar suas próprias hipóteses e fazer construções pessoais, algo primordial para o ensino de literatura. Conforme defende Jouve (2013), é preciso que os leitores, no caso, as crianças, ao praticarem o ato da leitura individual, sintam-se parte das histórias narradas, incorporando suas imagens mentais, fundadas em suas memórias pessoais, às novas imagens adquiridas pela nova leitura. Dessa feita, os leitores infantis podem estabelecer uma dimensão afetiva com o texto, o que torna o momento mais atrativo e prazeroso para quem lê.

Visto tais conceitos, elegemos a Sequência Básica (SB) de leitura, proposta por Cosson (2014), como instrumento para organização do trabalho com as obras selecionadas. Neste trabalho, a SB é elaborada com o propósito de nortear o trabalho com textos literários mais curtos, como contos, crônicas e poemas, com foco, portanto, no Ensino Fundamental. A sequência básica é constituída de quatro momentos, sendo eles: *Motivação*: momento de preparação para a análise da obra; *Introdução*: momento de apresentação da obra e do autor; *Leitura* - momento da leitura integral do texto e acompanhamento da leitura a fim de auxiliar os alunos nas dificuldades encontradas em seu decorrer; e *Interpretação*: momento da construção de sentidos do texto. Todas as etapas privilegiam o uso do registro, o que leva o educando à construção do conhecimento por meio da prática e interação. Deste modo, elaboramos duas sequências didáticas. A primeira com o intuito de nortear a atividade de leitura e interpretação dos contos presentes no livro *Três contos africanos de adivinhação* (2011), e a segunda, privilegiando os textos contidos nas obras *Contos africanos para crianças brasileiras* (2008) e *Outros contos africanos para crianças brasileiras* (2006).

Para mobilizar as atividades acerca das obras e textos selecionados, optamos por elaborar exercícios que levassem os alunos a compreenderem o contexto de produção dos contos, reportados da literatura oral africana e recontados pelo autor

brasileiro. Ademais dos saberes direcionados à área de Língua Portuguesa, como a estrutura do gênero, as escolhas lexicais para construção dos sentidos no texto, a linguagem verbal e não-verbal (enfatizando-se o papel das ilustrações na obra literária infantil) e os elementos paratextuais contidos no livro, a proposta de ensino envolve também outras áreas do conhecimento, como a *Matemática* (no raciocínio exigido para decifração dos contos de adivinhação), a *Arte* e a *História* (ao explorar as tradições orais africanas, a figura do *Griot*, a ancestralidade das vestimentas e da culinária do continente) e a *Geografia* (ao explorar dados da fauna e hidrografia africana e a divisão política do continente). Desse modo, cada um dos momentos das sequências básicas de leitura propostas apoia-se em outros textos, alguns literários e outros fora da esfera literária, para construir sistematicamente a aplicação dos conhecimentos pretendidos.

A finalização de cada uma das sequências básicas se dá com propostas de produção de recontos que materializarão as interpretações adquiridas interna e coletivamente, uma vez que prezamos pela subjetividade, mas também, pela interação e coletividade com o texto literário. Acreditamos que é no trabalho interativo, na comunicação e integração com o outro, que os diversos sentidos pretendidos pela leitura literária vão sendo (re)construídos e que as visões de mundo entrelaçam-se e são ampliadas. Conforme Cosson (2016),

O bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário. (COSSON, 2006, p. 26).

Embora a proposta de intervenção não tenha sido implementada, devido à pandemia do Covid-19 e a impossibilidade de aplicar o projeto, visto que as aulas aconteceram de maneira remota de março de 2020 até a finalização da escrita da dissertação, acreditamos na aplicabilidade da mesma e em sua eficácia para promoção do letramento literário e de práticas educativas eficazes para implementação das leis *Nº 10.639/03* e *Nº 11.645/2008*. Acreditamos na importância da sistematização do trabalho com textos literários no Ensino Fundamental I e na riqueza dos saberes a serem explorados através da leitura de contos populares africanos. Assim como a pesquisa oportunizou refletir e aprender ainda mais sobre a riqueza de saberes contidos na cultura popular, oralidade e literatura africana,

acreditamos que a proposta possibilitará o apoio para o desenvolvimento de atividades ricas, eficazes e prazerosas para alunos e professores que dela desfrutarem.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Rogério Andrade. **Três contos africanos de adivinhação**. São Paulo: Paulinas, 2009.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Contos africanos para crianças brasileiras**. São Paulo: Paulinas, 2016.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Outros contos africanos para crianças brasileiras**. São Paulo: Paulinas, 2011.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Histórias Africanas para Contar e Recontar**. São Paulo: Editora do Brasil, 2011.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC). (versão final). 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

BRASIL. Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1852-diretrizes-curriculares-pdf&category_slug=novembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 de junho de 2019.

COELHO, Maria Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1998.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. *In*: CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2018.

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas**, v.27, n.1, pp.109-121, Jan/Abr. 2011.

GOTLIB, Nádia Batelha. **Teoria do conto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

JOUBE, Vincent. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. *In*: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de.

(Org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2013. p. 53-65.

LANGER, Judith A. **Pensamento e experiência literários: compreendendo o ensino de literatura**. Passo Fundo: Editor da Universidade de Passo Fundo, 2005.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, Maria Amélia (Org). **Leitura de Literatura na escola**. São Paulo, SP: Parábola, 2013. p. 17-34.

SÁ VINTECINCO, Telma Elisabete; SILVA, Carlos da. **Contos e encantos africanos: uma contribuição para a formação na Educação Básica**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2014. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unespar-paranavai_port_artigo_telma_elisabete_de_sa_vintecinco.pdf. Acesso em: 19 de julho de 2020.

TRINCONI, Ana; BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera. **Ápis** – Língua Portuguesa 4º ano. São Paulo: Editora Ática, 2017.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. Via Atlântica, n. 14, dez. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>. Acesso em: 15 de dezembro de 2019.

ANEXO A – CONTOS TRABALHADOS NAS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

CONTO 1

OS TRÊS GRAVETOS

Certa manhã, o monarca de um poderoso reino hauçá, no interior da Nigéria, acordou seus súditos aos gritos:

- Tragam o adivinho da corte imediatamente a minha presença – ordenou.

Não tardou muito para que um homenzinho de barrete colorido e camisolão branco aparecesse.

- O que aconteceu? – perguntou o revelador de sonhos e segredos ao irado senhor.

- O anel cravejado de pedras preciosas de que dei a minha filha como presente de casamento sumiu do quarto dela ontem à noite.

- Os guardas não viram nenhum movimento? – quis saber o homem entendido em mistérios e coisas do outro mundo.

- Não. Mandei prender os três sentinelas que passaram a noite em frente ao aposento, em turnos separados. Mas eles juraram que não sabem de nada.

O adivinho, sem perder a calma, disse:

- Não vai ser difícil encontrar o culpado.

- Como? – perguntou o rei, mastigando um pedaço de noz-de-cola.

O adivinho lentamente retirou três gravetos do mesmo tamanho de uma bolsa de couro de crocodilo que trazia ao ombro e entregou-os ao rei.

- Ao anoitecer, cada prisioneiro deve receber um desses – avisou. – Diga que o ladrão será aquele cujo graveto tiver crescido, até o cantar do galo, dois dedos de comprimento.

E assim foi feito.

Na manhã seguinte, dois dos gravetos estavam do mesmo tamanho. Menos um, que havia diminuído exatamente dois dedos.

- Foi ele – disse o adivinho apontando para o trêmulo guarda que segurava o menor pedaço. – Pode procurar entre suas coisas, que achará o anel.

A joia realmente foi encontrada costurada no forro da roupa do acusado.

QUAL FOI O TRUQUE DO ADIVINHO PARA PEGAR O LADRÃO?



O guarda, durante a noite, com medo de ser descoberto, cortou dois dedos do graveto que havia recebido.

CONTO 2

TRÊS MERCADORIAS MUITO ESTRANHAS

Um velho camponês, teimoso como uma mula, precisava atravessar um trecho do caudaloso rio Níger carregando um leopardo, uma cabra e um saco cheio de inhames.

A garotada das aldeias situadas em margens opostas sentou-se no chão barrento, na maior algazarra, para ver como o rabugento conseguiria transpor a perigosa correnteza.

A canoa do homem era muito pequena e ele só poderia carregar um de seus pertences de cada vez.

— Se deixar a cabra com o inhame – disse um dos meninos -, a esfomeada come tudo.

— Se largar o leopardo com a cabra, o manchado devora o bichinho – opinou outro garoto.

Irritado com a zombaria, o aldeão reclamou em altos brados:

— Vocês não aprenderam, de acordo com nossa tradição, a respeitar os idosos? Em vez de ficarem criticando, por que não me ajudam? O que vocês fariam se estivessem em meu lugar? Lembre-se – argumentou, citando um antigo provérbio -, “quem é velho já foi jovem”.

As palavras do ancião na mesma hora deixaram a meninada em silêncio.

O homem não desistiu e, como não queria perder nada, pôs-se a pensar, agachado à beira da água lamacenta. No entanto, por mais que quebrasse a cabeça, não encontrava uma solução.

ANTES DE SABER O FINAL DA HISTÓRIA, VOCÊ SERIA CAPAZ DE RESOLVER A QUESTÃO?



O aldeão, desesperado, recorreu a um lavrador de cabelo grisalho montado em um burrico a caminho de um mercado distante dali.

— Primeiro – disse o homem, depois de coçar a cabeça por um instante -, você tem de remar com a cabra para a outra margem e deixar o leopardo com o saco de inhame. Esse animal, como todos sabem, não gosta de comer raízes.

— Depois – continuou -, atravesse para cá e carregue o saco de inhame para lá. Ao voltar, traga a cabra com você.

— E, para completar a travessia – arrematou -, leve o leopardo e, em seguida, retorne para buscar a cabra.

Foi assim, finalmente, que o camponês atravessou o rio.

De acordo com um ditado africano, “ninguém deve rir de um velho”.

Rogério Andrade Barbosa. **Três contos africanos de adivinhação**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 13-17.

CONTO 3

AS TRÊS MOEDAS DE OURO

Essa história, dizem, aconteceu em uma cidade nigeriana chamada Kano, celebrada por seu imenso e movimentado mercado. Ali, nos tempos antigos, se comprava e trocava de tudo: marfim, tecidos, miçangas coloridas, penas de avestruz, frutas, arroz, pimenta, milho, algodão, cavalos e camelos. E também a valiosa noz-de-cola, famosa por reduzir o cansaço, a fome e a sede.

Um mercador de objetos de couro foi reclamar com o dono da pousada onde pernoitara que um ladrão entrara em seu aposento e roubara as três moedas de ouro que levava em uma sacola.

– Perdi tudo que consegui com as vendas de minhas sandálias, chinelos, sacolas, rédeas, chicotes – queixou-se o negociante.

O homem, irritado com a grave ofensa ao visitante, respondeu:

– Pode deixar que hoje mesmo você terá seu dinheiro de volta.

Ao final do dia, após as orações, o dono da pousada regressou a sua casa com uma engenhosa solução.

Ele pegou um frasco de perfume e despejou todo o conteúdo nos pelos de um burro. Depois, levou o animal para um cercado no fundo de seu estabelecimento. Em seguida, chamou os empregados e falou:

– Preciso descobrir o autor do roubo que aconteceu na noite passada.

Saiam, um por um, passem a mão no pelo do burro que está lá atrás e me esperem na cozinha.

E, num tom de ameaça, avisou:

– Cuidado! O animal zurrará quando o ladrão o tocar.

Os homens, sem pestanejar, obedeceram ao patrão e saíram para cumprir a tarefa.

Mas o burro permaneceu calado até o fim da estranha prova. Mesmo assim o dono da pousada descobriu quem era o ladrão.

**VOCÊ SABE
QUEM FOI O CULPADO?
QUAL FOI O TRUQUE?**

Para espanto, pois, do lesado comerciante, o dono da pousada reuniu os empregados e cheirou a mão de cada um. Assim que terminou a inspeção, anunciou triunfante:

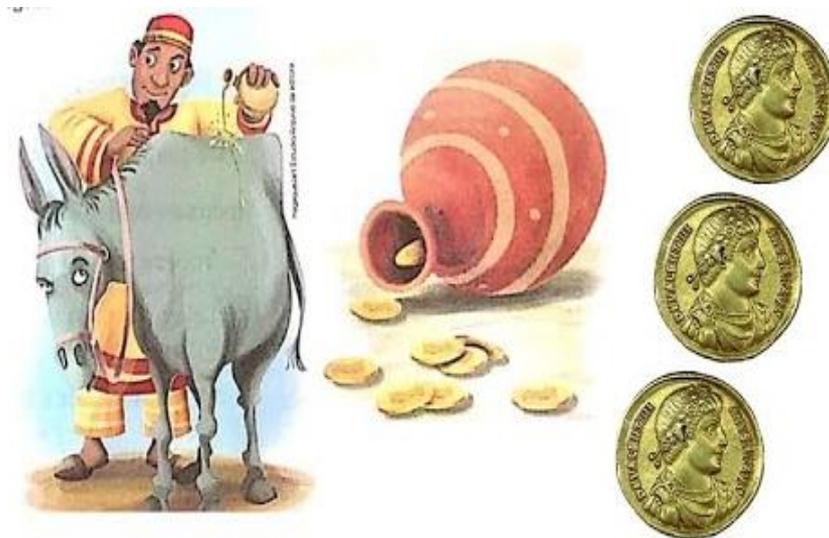
– O ladrão é este aqui – disse, apontando para um dos homens. – Podem revistar o quarto dele.

Dito e feito. As moedas, como ele havia adivinhado, foram encontradas escondidas debaixo da cama do acusado.

No outro dia, ao se despedir, o viajante, curioso, perguntou:

– Como foi que você descobriu o larápio?

– Não foi difícil. Só um dos homens não tinha a mão perfumada! Ele, com medo de ser denunciado, não tocou no pelo do burro.



Rogério Andrade Barbosa. **Três contos africanos de adivinhação**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 18-24.

CONTO 4

AMIGOS, MAS NÃO PARA SEMPRE

Em Uganda, no coração da África, os contadores de histórias dizem que, antigamente, o gato e o rato viviam juntos e eram muito amigos.

Os dois parceiros plantavam, colhiam, armazenavam o produto do seu trabalho e pequenos celeiros de barro cobertos com palhas.

Um dia, o rato resolveu que devia guardar o leite também, da mesma forma que os homens faziam para não passar fome durante a estação da seca.

- De que jeito? - questionou o gato - em poucos dias o leite estará azedo.

- Deixe comigo – respondeu o rato – Eu aprendi como as mulheres preparam uma manteiga que eu adoro, a qual elas chamam de *ghee*.

Então, sob o comando do rato, os dois amigos deram início ao longo processo. Assim que acabavam de ordenhar as vacas, de chifres enormes, punham o leite numa sacola de couro, durante alguns dias, para fermentar. Depois balançavam a bolsa, pendurada por uma corda no galho de uma árvore, para lá e para cá. Em seguida, retiravam a espuma que ia formando-se no topo, colocavam-na em uma panela e ferviam até que a manteiga ficasse no ponto.

No fim da estação da colheita, os compadres tinham um pote cheio de *ghee*. Para que o gosto ficasse melhor, adicionaram neles uma série de temperos. Mas ainda havia um problema para resolver.

- Onde vamos guardar o *ghee*? – perguntou o gato – Tem que ser num lugar seguro, pois não confio muito em você – falou o felino, olhando com desconfiança para o amigo. – Conheço bem as suas fraquezas.

- Você tem razão. O simples cheiro do *ghee* me deixa com água na boca. Vai ser difícil resistir – conformou-se o rato.

- Pra ser sincero, o *ghee* não estaria a salvo comigo também – replicou o gato alisando os bigodes.

Depois de uma longa discussão, concordaram que o melhor lugar para esconder o *ghee* seria no interior de uma velha igreja, construída pelos missionários europeus.

- O templo é um lugar tão sagrado como as árvores cultuadas pelos povos que habitam as florestas. Ninguém vai ter coragem de mexer ali – opinou o rato.

- É mesmo – apoiou o gato – Além disso, o *ghee* ficará protegido contra a ação de insetos e vermes. À noite, protegidos pela escuridão, o gato e o rato esconderam o pote cheio de *ghee* num canto da sacristia, onde o pastor guardava os documentos da igreja.

Quando a estação das secas chegou, o gato e o rato se alimentaram com os alimentos que armazenaram nos celeiros. Havia bastante comida para os dois. Mas o rato não parava de pensar no *ghee* que eles ocultaram na igreja.

- Será que não estragou? Como é que deve estar o gosto agora? – pensava o pequeno roedor. Morrendo de vontade de provar um pouquinho do *ghee*, ele planejou uma boa desculpa:

- Tenho de ir à igreja. A filha da minha irmã vai ser batizada e ela pediu que eu fosse o padrinho.

- Está bem – disse o gato, sem desconfiar de nada.

O rato, tão logo chegou na igreja, pegou o pote, destampou-o e começou a comer.

- Ai que delícia – elogiava com a boca toda lambuzada de manteiga.

Antes de sair, cobriu a vasilha de barro e guardou-a cuidadosamente no mesmo lugar.

- Como foi a festa? – perguntou o gato, assim que o rato retornou com uma cara toda satisfeito.

- Foi ótima.

- Qual o nome que deram para o filho da sua irmã?

- *Quase cheio*, respondeu o roedor, lembrando-se de como havia deixado o pote.

Dias depois, convencido de que o gato era mais fácil de enganar do que imaginavam, resolveu provar mais um pouco de *ghee*.

- Fui convidado para outro batizado – mentiu ele.

Na volta, com a barriga estufada, disse que o nome do recém-batizado tinha sido *Metade*.

- Que nomes estranhos a sua família dá aos filhotes – comentou o gato, sem perceber que estava sendo passado para trás.

O rato decidiu continuar com suas incursões até que o *ghee* acabasse. Ele, sempre que voltava da igreja, inventava nomes novos para os parentes batizados, de acordo com o conteúdo do pote, que ia diminuindo a cada visita. O último nome, lógico, só podia ser *Vazio*.

Quando a comida estocada nos celeiros acabou, o gato chamou o rato e disse:

- Agora podemos pegar o *ghee* que estocamos na igreja.

- Sinto muito, mas não posso acompanhá-lo, estou me sentindo mal – desculpou-se o rato.

Então o gato foi até o templo sozinho. Quando ele abriu o pote levou o maior susto.

- O quê? Não tem nada! – esbravejou – Isso não pode ser verdade – lamentou-se o bichano, rolando de raiva pelo chão.

Quando o gato chegou em casa, pronto para dar a má notícia, descobriu que o rato havia feito a trouxa e desaparecido no meio da floresta. - Só pode ter sido este traidor! Agora entendo os nomes esquisitos que ele ia inventando:

Quase Cheio, Metade, Um Pouco, Pouquinho, Vazio... Desde esse dia, o gato vive à procura do rato. Mas o roedor, assim que escuta o miado do implacável perseguidor, foge correndo para sua toca.

Rogério Andrade Barbosa. **Contos africanos para crianças brasileiras**. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 5-15.



CONTO 5

O JABUTI DE ASAS

Os jabutis, contam os mais velhos, sempre foram respeitados por sua sabedoria e prudência. Mas, por causa da ganância de um deles, todos os parentes passaram a ter o casco rachado.

Há muito tempo, um jabuti soube que uma grande festa estava sendo organizada pelas aves que viviam voando entre os galhos das florestas.

- Eu também quero ir – disse ele, pondo a cabecinha para fora do casco.

- Mas a festa vai ser no céu – explicou um papagaio. – Como é que você vai voar até lá?

O jabuti ficou com uma cara tão triste, que os pássaros, com dó dele, resolveram ajudá-lo.

- Olhe, nós vamos emprestar algumas de nossas penas para você.

E assim foi feito. A passarinhada, com pedacinhos de cordas, amarrou plumas coloridas nas patas dianteiras e traseiras do jabuti.

- Pronto, agora você já pode voar – comemoraram os pássaros. – Mas tem outra coisa. Nessa festa cada um tem de usar um nome diferente. Qual vai ser o seu?

O jabuti, astucioso, depois de pensar um pouco, disse:

- Pra todos.

Na manhã seguinte, quando os galos começaram a cantar, os convidados já estavam acordados, prontos para partir rumo à festança.

Só que a viagem levou mais tempo do que pensavam, pois o jabuti não sabia voar direito e atrasou todo mundo.

Para ele decolar foi um custo. Os céus da África nunca tinham visto um ser voador tão desajeitado como aquele jabuti de asas reluzentes.

- Então é pra mim – disse o jabuti, avançando nas guloseimas, enquanto os pássaros observavam, sem poder fazer nada.

A festa continuou animada até a hora do almoço. E, novamente, a cena se repetiu.

- Pra quem é o almoço? – tornaram a perguntar os pássaros.

- Pra todos – disse a anfitriã.

O jabuti, sem perder tempo, comeu tudo outra vez.

Na hora do jantar, foi a mesma coisa. O bando de aves, esfomeado, resolveu ir embora. Mas, primeiro, exigiu que o jabuti devolvesse as penas que haviam emprestado a ele.

- Entregue tudo – disseram os passarinhos, arrancando as plumas em torno das patas do jabuti.

Antes que os pássaros voassem de volta à floresta, o jabuti fez um pedido:

- Por favor, passem na minha casa e peçam para minha mãe colocar um monte de capim em frente à nossa porta – implorou.

- Para quê?

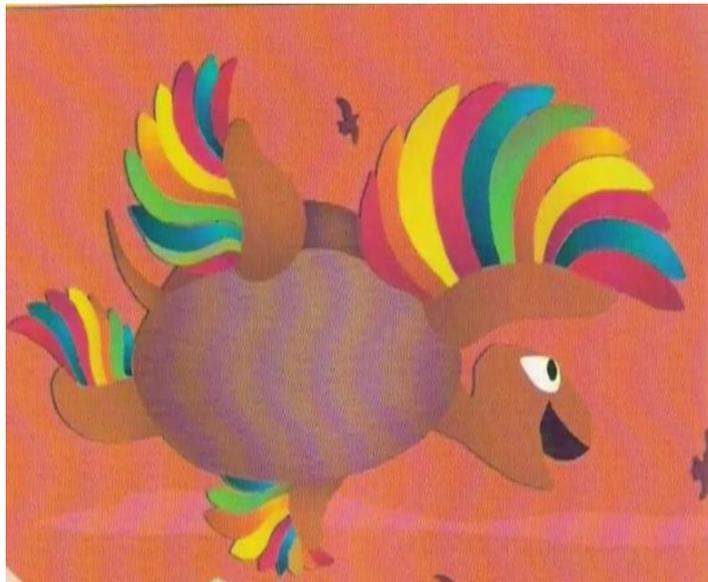
Para eu não me machucar quando pular do céu – disse o espertalhão.
Os pássaros, zangados, quando chegaram à terra deram o recado errado para a mãe do jabuti:

- O seu filho pediu para a senhora colocar umas pedras bem grandes na entrada da casa.

Resultado: o jabuti se esbarrachou contra os pedregulhos. Por sorte, não morreu. A mãe é que teve um trabalho danado pra remendar os pedaços do casco todo arreventado.

Por causa do tombo, os descendentes do jabuti, além de passarem a andar muito devagar, carregam essa couraça rachada até hoje.

Rogério Andrade Barbosa. **Contos africanos para crianças brasileiras**. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 16-24



CONTO 6**A FESTA NO CÉU.**

Luís Câmara Cascudo

Entre os bichos da floresta, espalhou-se a notícia de que haveria uma festa no Céu.

Porém, só foram convidados os animais que voam.

As aves ficaram animadíssimas com a notícia, começaram a falar da festa por todos os cantos da floresta.

Um sapo, que vivia no brejo, lá no meio da floresta, ficou com muita vontade de participar do evento. Resolveu que iria de qualquer jeito, e saiu espalhando para todos, que também foi convidado.

Os animais que ouviam o sapo contar vantagem, riam dele.

– Imaginem o sapo, pesadão, não aguenta nem correr, quem diria voar até a tal festa!

Durante muitos dias, o pobre sapinho virou motivo de gozação de toda a floresta.

– Tira essa ideia da cabeça, amigo sapo. – disse o esquilo – bichos como nós, que não voam, não têm chances de aparecer na Festa no Céu.

Mas o sapo tinha um plano.

Horas antes da festa, procurou o urubu que era tocador de viola. Conversaram muito e se divertiram com as piadas que o sapo contava.

Já quase de noite, o sapo se despediu do amigo:

– Bom, meu caro urubu, vou indo para o meu descanso, afinal, mais tarde preciso estar bem-disposto e animado para curtir a festa.

– Você vai mesmo, amigo sapo? – perguntou o urubu, meio desconfiado.

– Claro, não perderia essa festa por nada. – disse o sapo já em retirada.

Porém, em vez de sair, o sapo deu uma volta, pulou a janela da casa do urubu e vendo a viola dele em cima da cama, entrou dentro dela.

Chegada a hora da festa, o urubu pegou a sua viola, amarrou-a em seu pescoço e voou em direção ao céu.

Ao chegar lá, o urubu deixou sua viola num canto e foi procurar as outras aves. O sapo aproveitou para espiar e, vendo que estava sozinho, deu um pulo e saltou da viola, todo contente.

As aves ficaram muito surpresas ao verem o sapo dançando e pulando no céu. Todos queriam saber como ele havia chegado lá, mas o sapo esquivando-se mudava de conversa e ia se divertir.

Estava quase amanhecendo, quando o sapo resolveu que era hora de se preparar para pegar carona na viola do urubu. Saiu sem que ninguém percebesse, e entrou na viola, que estava encostada num cantinho do salão.

O sol já estava surgindo, quando a festa acabou e os convidados foram voando, cada um para o seu destino.

O urubu pegou a sua viola e voou em direção à floresta.

Voava tranquilo, quando no meio do caminho sentiu algo se mexer dentro da viola. Espiou dentro do instrumento e avistou o sapo dormindo, todo encolhido, parecia uma bola.

– Ah! Que sapo folgado! Foi assim que você foi à festa no Céu? Sem pedir, sem avisar e ainda me fez de bobo!

E lá do alto, ele virou sua viola até que o sapo despencou direto para o chão.

A queda foi impressionante. O sapo caiu em cima das pedras do leito de um rio e, mais impressionante ainda foi que ele não morreu.

Mas nas suas costas ficaram as marcas da queda, uma porção de remendos. É por isso que os sapos possuem uns desenhos estranhos nas costas, é uma homenagem de Deus a este sapinho festeiro.

Disponível em: <https://historiasqueminhaavocontava.com/2020/09/18/a-festa-no-ceu/>.

Acesso em: 22 set 2020.



CONTO 7

POR QUE A GALINHA-D'ANGOLA TEM PINTAS BRANCAS?

Os mais antigos contam que esta história aconteceu durante uma das piores secas ocorridas nas savanas ao Sul da África.

O sol, inclemente, castigava todos os seres vivos: plantas e animais.

Logo os rios e lagos secaram, aumentando o sofrimento. O calor abria fendas no solo e levantava uma espessa poeira que borrava de cinza o céu borrado de azul.

Os habitantes dos vilarejos, desorientados, fugiram para as montanhas, rogando por chuvas, mas não havia prece que desse jeito na calamidade.

Um dia, porém, uma mancha escura despontou no horizonte. Todos ficaram excitados. Sinal de que as chuvas estavam se aproximando.

Só que um elefante, desengonçado, atrapalhou tudo. Afugentando a nuvem.

A galinha-d'angola que, naquela época, além de uma crista avermelhada no alto da cabeça, tinha as penas inteiramente pretas, não se conteve. Indignada com a atitude do paquiderme, correu horas e horas atrás da nuvem, suplicando para que ela retornasse, sem se importar com os espinhos que iam rasgando-lhe as pernas desnudas.

- Por favor, Senhora, volte. Por favor, Senhora, volte – repetia sem cessar, enquanto o sangue escorria por suas feridas.

A Dona das Águas, finalmente, parou e disse:

- Por causa de sua perseverança, da sua dor e da sua preocupação com o destino de todas as outras criaturas, eu regressarei. Graças aos meus poderes, interromperei a seca.

- Obrigada - agradeceu a ofegante corredora.

- E, como você se dirigiu a mim de um modo tão respeitoso, receberá de presente o brilho das gotas da chuva, que cairão sobre o seu corpo. Assim, será uma das aves mais bonitas da terra.

Não demorou muito para desabar um temporal, em meio a raios e trovões. A galinha-d'angola, toda molhada, ganhou como ornamento os pingos que foram resvalando em suas penas, transformando-a, como fora prometido, em uma das aves mais lindas de toda a África.

Devido à canseira da galinha-d'angola, suas descendentes ciscam por vários cantos do planeta, agitando a penugem de cor negra, como a pele da maioria dos povos de seu extenso continente. Enquanto exibem as penas salpicadas de pintas brancas} as galinhas-d'angola cacarejam como se estivessem expressando, até hoje, o esforço empreendido por sua ancestral:

_ Tô fraca, tô fraca, tô fraca, tã fraca!

ANEXO B – MAPA POLÍTICO DA ÁFRICA PARA COLORIR

Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/mapa-da-africa/mapa-africa-para-colorir/>.
Acesso em: 20 de agosto de 2020.

ANEXO C – SINOPSE E FICHA TÉCNICA DO FILME “KIRIKU E A FEITICEIRA”

Kiriku e a Feiticeira

Sinopse:

Kiriku é um bebê recém-nascido, que já fala, corre e tem ideias. Assim que sai da barriga de sua mãe, encontra a realidade de sua aldeia, que sofre pela falta de água e pela submissão à bruxa Karaba, que recolhe todo o ouro das mulheres e leva os homens. Kiriku, portanto, irá iniciar uma aventura para livrar sua aldeia dessa situação, encontrando-se com magia, natureza e sabedoria.

Ficha técnica:

Título: Kiriku e a Feiticeira

Duração: 75 min.

Direção: Michel Ocelot

Roteiro: Michel Ocelot

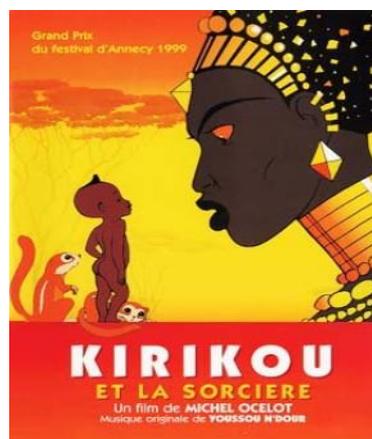
Elenco: Doudou Gueye Thiaw (Kiriku) Maimouna N'Diaye (mãe) Awa Sene Sarr (Karaba) Robert Liensol (o sábio da montanha) William Nadylam (Kiriku jovem) Thilombo Lubambu (tio).

Classificação: Livre

Ano/País de Produção: 1998/ França e Bélgica

Produção: Didier Brunner

Música: Youssou N'Dou



Disponível em: <https://br.ambafrance.org/local/cache-vignettes/L290xH412/878b4fc0e48daf54-d2c70.jpg?1569844078>. Acesso em: 17 set 2020.